



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA APARECIDA LIMA ALMEIDA

**APRENDER A CUIDAR E EDUCAR NO INFANTIL III: SABERES NECESSÁRIOS
À ATUAÇÃO DO PROFESSOR POR DOCENTES DE FORTALEZA-CE**

FORTALEZA
2015

MARIA APARECIDA LIMA ALMEIDA

**APRENDER A CUIDAR E EDUCAR NO INFANTIL III: SABERES NECESSÁRIOS
À ATUAÇÃO DO PROFESSOR POR DOCENTES DE FORTALEZA-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do curso Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

A449a Almeida, Maria Aparecida Lima

Aprender a cuidar e educar no Infantil III: saberes necessários à atuação do professor por docentes de Fortaleza-CE / Maria Aparecida Lima Almeida. – 2015
58f. ; 30 cm.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Especialização em docência na educação infantil, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb.

1. Educação infantil I. Título.

CDD 370

MARIA APARECIDA LIMA ALMEIDA

**APRENDER A CUIDAR E EDUCAR NO INFANTIL III: SABERES NECESSÁRIOS
À ATUAÇÃO DO PROFESSOR POR DOCENTES DE FORTALEZA-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do curso Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Aprovado em ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Messias Holanda Dieb (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof.^a Ms. Kátia Cristina Fernandes
Universidade Federal do Ceará – UFC

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, meu Deus, pelos dons de que preciso na minha caminhada.

Aos meus pais, fonte de amor e minhas eternas referências.

Aos meus irmãos, pelo cuidado, carinho e disponibilidade.

Ao meu esposo, pelo incentivo na execução deste trabalho.

Aos meus filhos, minha maior motivação.

Aos docentes do curso, pela seriedade e compromisso no decorrer dos encontros.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Messias Holanda Dieb, pela organização, tranquilidade e, sobretudo, pela acolhida, tão necessária para a construção deste estudo.

À banca examinadora, na pessoa dos professores Dr. Júlio César Rosa de Araújo e Ms. Kátia Cristina Fernandes, pela presteza, atenção e disponibilidade dispensadas à leitura da minha obra.

À professora Nágyla Rabelo, coordenadora do Centro de Educação Infantil Pe. Zanella, unidade onde atuo, pelo olhar sensível e pela compreensão perante a feitura desta pesquisa.

À professora Terena Cartaxo, que tanto compartilha seus saberes, por ter-me incentivado sobremaneira a cursar a Especialização em Docência na Educação Infantil.

A todas as companheiras da Turma 1, da qual fiz parte, que, com alegria, entusiasmo e seriedade tornaram o curso especialmente prazeroso e proveitoso.

À coordenação do curso, sempre atenta e empenhada em atender às necessidades da turma.

Às professoras, sujeitos desta pesquisa, pela solicitude com que me atenderam.

“Sou um monte intransponível no meu próprio caminho, mas às vezes, por uma palavra tua ou por uma palavra lida, de repente tudo se esclarece”.

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a competência profissional de professores da Educação Infantil da rede municipal de Fortaleza-CE, especialmente os que atuam na etapa do Infantil III, com base nos saberes apontados por eles como necessários para trabalhar com as crianças desse nível, nas justificativas ao elencarem tais saberes e nos modos como estes estão sendo por eles construídos. Os sujeitos que participaram desta pesquisa são professoras efetivas da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Ao todo, participaram sete docentes, com as quais utilizamos a entrevista semiestruturada como instrumento para a construção dos dados. Para alcançar os nossos objetivos, contamos com o apoio teórico de estudiosos que discutem a profissionalidade docente na Educação Infantil, em especial as contribuições de Oliveira-Formosinho (2005). Após analisados, os dados nos mostraram que as professoras, para se tornarem boas profissionais no Infantil III, consideram como necessário que elas construam saberes sobre os estágios do desenvolvimento da criança e sobre suas múltiplas linguagens. As justificativas apresentadas por elas indicam que, ao construírem tais saberes, elas desenvolvem maior segurança no fazer docente, no atendimento aos desafios da atividade e no auxílio ao planejamento. Esses saberes, segundo elas, são construídos em momentos de leitura e de estudo pessoal, nas observações constantes acerca do comportamento da criança, nas interações com a família e nos momentos de planejamento e trocas de experiências com os colegas de escola. Concluímos que as professoras consideram fundamental o embasamento teórico, através dos estudiosos da educação Infantil, bem como uma relação afetiva positiva entre professora e criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Docência. Saberes.

ABSTRACT

The present paper aims at assessing the level of professional competence in teachers of child education in the municipal network of public schools in Fortaleza, Ceará, especially the ones who work with children in the third stage of child education. This assessment is based on tools that these professionals have pointed out as necessary in order to work with children at this level, as well as in their justifications for pointing out such knowledge and the way it is built by these professionals. The subjects of this research are regular teachers of the Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Seven teachers took part in the research by submitting themselves to our semi-structured interview, which was the tool for construction of data. To achieve our goals, we rely on the theoretical support of scholars who discuss the teaching profession early childhood education, especially the contributions of Oliveira-Formosinho (2005). After analyzed, the data showed in that the teachers, to become good professionals at the Children III, regard as necessary for them to build knowledge about the stages of development the children on its multiple languages. The justifications presented by them indicate that by building such knowledge they develop greater safety in practice, in the treatment the challenges of teaching activity and aid planning. This knowledge, in their view, are built in times of reading and personal study, the constant comments about the child's behavior, interactions with family and in times of planning and exchange of experiences with classmates. We conclude that the teachers consider the fundamental theoretical basis through the scholars of early childhood education and a positive affective relationship between teacher and child.

Key words: Child education, teaching profession, knowledge.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	Os saberes docentes e a mediação pedagógica na Educação Infantil	11
2.2	A aprendizagem na Educação Infantil: focalizando o Infantil III	14
2.3	A formação docente: possibilidades e oportunidades	18
3	METODOLOGIA	21
3.1	O tipo de pesquisa	21
3.2	Caracterização do lócus da pesquisa	21
3.3	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	27
3.4	Técnica de construção de dados	29
3.5	Análise dos dados	32
4	RESULTADOS DA PESQUISA	34
4.1	Os saberes necessários para a mediação do processo de aprendizagem das crianças do Infantil III	34
4.1.1	Conhecimentos psicogenéticos da educação	34
4.1.2	Percepção da criança como um todo	36
4.1.3	Leituras sobre afetividade e interações	38
4.1.4	Cuidado, educação e desenvolvimento das diversas linguagens	40
4.2	Por que os saberes elencados são necessários	44
4.2.1	Segurança quanto ao fazer docente	44
4.2.2	Atendimento aos desafios da atividade docente	45
4.2.3	Auxílio ao planejamento	46
4.3	Os processos de construção dos saberes narrados pelos sujeitos	47
4.3.1	Momentos de leitura e de estudo pessoal	47
4.3.2	Observações constantes acerca do comportamento da criança	48
4.3.3	Interações com a família	49
4.3.4	Nos momentos de planejamento e trocas de experiências	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	Pontos essenciais do trabalho	51
	Implicações da pesquisa	52
	Sugestões de continuidade da pesquisa	53
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE – Roteiro da entrevista realizada com professoras do Infantil III	56
	ANEXO – Declaração de correção ortográfica, gramatical e formatação	

1 INTRODUÇÃO

O ritmo acelerado de urbanização no Brasil, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e os movimentos sociais, cada vez mais intensos, contribuíram para a expansão do atendimento educacional, notadamente para as crianças de zero a seis anos. No entanto, a urgência para o atendimento dessa demanda, somada à falta de uma legislação educacional e de recursos financeiros, contribuíram para a difusão de instituições de Educação Infantil (EI) sem dispor de uma infraestrutura mínima necessária para o seu funcionamento, bem como da adoção de critérios de qualidade quanto à escolaridade das pessoas, geralmente mulheres, responsáveis pelo atendimento às crianças.

Essas mulheres foram, por muito tempo, consideradas babás ou pajens, dentre outros codinomes, pois lidavam com crianças ainda bem pequenas. Além disso, o atendimento infantil em instituições de caráter educativo com essas características se deveu ao fato de esses espaços e seus serviços serem considerados como favores concedidos às crianças desprivilegiadas socialmente, não havendo, por parte das administrações públicas, quase nenhuma preocupação com a qualidade do atendimento.

Essa foi, por longo período, a realidade da EI, a qual surgiu como direito da criança, e não apenas da mãe trabalhadora, com a Constituição Federal Brasileira, Brasil (1988), que a determinou como dever do Estado quanto a sua oferta e manutenção. Desse modo, podemos dizer que se trata de uma conquista das crianças que contou tanto com a participação de mulheres e de movimentos comunitários como de profissionais da Educação. Em 1990, dois anos após a promulgação da Constituição Federal, esse direito foi reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasil (1990). Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação declara a Educação Infantil como sendo a primeira etapa da Educação Básica, integrando-a ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. (BRASIL, 1996).

Assim sendo, a integração da EI à Educação Básica proporcionou a legitimidade dos profissionais da educação, entre os quais destacamos o professor. Para este foi estabelecida a necessidade de habilitação para atuar no magistério, conforme reza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 20/12/1996, em seu artigo 61, inciso I, sobre os profissionais da educação: “professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio”, o que se constitui em um fator de fundamental importância no processo de desenvolvimento da criança. Essa importância tem sua razão de existir no fato de que o professor, na escola, é o principal

mediador das aprendizagens. Portanto, passou a ser requerido do docente os conhecimentos básicos necessários para a sua atuação junto às crianças.

Sob o ponto de vista da legislação em vigor, a EI tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, sendo atendidas em creches as crianças de zero a três anos e em pré-escolas as de quatro a cinco anos. Esse desenvolvimento integral, de que trata a legislação, corresponde aos aspectos físico, afetivo, cognitivo, linguístico e social, o que, segundo afirma Barreto (1994), exige do professor as funções de educar e cuidar em complemento às ações da família e de forma compartilhada com esta. Em outros termos, isto implica em olhar a criança de forma apurada e sob a perspectiva de que é um ser capaz.

Assumindo as tarefas de educar e cuidar, o professor de EI deve ser o mediador no processo de construção do conhecimento e do desenvolvimento da criança, o que exige desse profissional constantes reflexões e autoavaliação sobre a sua prática. Nesse sentido, é imprescindível que ele reveja seus saberes e habilidades, haja vista cada faixa etária ter suas peculiaridades e características, acerca das quais, conforme argumenta Campos (1994), o professor deve ter conhecimento para que possa estabelecer uma relação de troca com a turma, potencializando, assim, o interesse de cada criança nas ações desenvolvidas. Trata-se, portanto, de uma ação docente específica porque cabe ao professor gerenciar as experiências vivenciadas junto à turma.

Reportamo-nos mais especificamente à faixa etária de três a quatro anos, com a qual temos experiência de professora há quatro anos na rede municipal de Fortaleza - CE. Consideramos que esse período da vida da criança é marcado não apenas por muitas descobertas no mundo físico, mas também pela negação do outro e pela descoberta do “eu”, em torno do qual tudo deve estar voltado. De acordo com Galvão (1995), essas descobertas fazem suscitar o desejo de autoafirmação, da imposição do ponto de vista, às vezes até sem limites. Nesse período, portanto, afloram com maior intensidade a manifestação das emoções e as chantagens emocionais, dentre outros aspectos que geralmente retratam essa fase do desenvolvimento infantil.

Ainda com base em nossa experiência, percebemos que, em cada nova turma dessa faixa etária, as crianças apresentam necessidades diferentes, trazendo novos questionamentos para o espaço da instituição de EI e não se envolvendo com nada mais do que com aquilo que lhes causa interesse. Assim, é preciso que o professor tenha certa competência profissional que lhe garanta saber que direção seguir em meio aos desafios que lhe são apresentados. Em nosso caso, temos buscado em cursos, formação continuada, leitura

de autores especializados, pois somos conscientes de que é próprio da condição humana não existir um saber pronto e acabado.

Apesar dos esforços que temos empreendido, surgem em nosso cotidiano algumas interrogações, muitas das quais provocadoras de angústias vividas no dia a dia escolar e que procuramos amenizar até mesmo com conversas informais com outros professores. Assim, nosso interesse com esta pesquisa está no fato de esperarmos encontrar algumas respostas, a partir de outras experiências, que nos levem a alcançar os fins que perseguimos: a aprendizagem das crianças do Infantil III. Essas experiências, às quais nos referimos, dizem respeito àquelas de outros colegas que conosco compõem, na cidade de Fortaleza, o grupo dos professores que atuam nessa etapa da EI e trabalham com crianças nessa faixa etária.

Devido, pois, à complexidade e ao compromisso ético e profissional que o professor deve ter com o desenvolvimento infantil de forma integral, é que nos questionamos: como tem se apresentado a competência profissional dos professores de EI da rede municipal de Fortaleza-CE para atuar na etapa do infantil III? Na opinião desses professores, que saberes são necessários para mediar o processo de aprendizagem das crianças que se encontram na referida etapa? Que justificativas os professores apresentam para elencar esses saberes como necessários à mediação do processo de aprendizagem das crianças? De que maneira os professores estão construindo esses saberes? A partir dessas questões, traçamos como objetivo desta pesquisa estudar a competência profissional de professores de Educação Infantil da rede municipal de Fortaleza-CE, especialmente os que atuam na etapa do infantil III, com base nos saberes apontados por eles como necessários para trabalhar com as crianças dessa etapa, nas justificativas ao elencarem tais saberes e nos modos como estes estão sendo por eles construídos.

Com o intuito de organizar a apresentação das discussões assinaladas acima, abordaremos, inicialmente, a fundamentação teórica que embasa a pesquisa, ao discorrer sobre os saberes docentes, a mediação pedagógica na Educação Infantil e suas aprendizagens, assim como as possibilidades e oportunidades da formação docente. Em seguida, temos a metodologia utilizada para coletar as informações e, depois, mostraremos os resultados da pesquisa. Por fim, há as considerações finais e as referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Os saberes docentes e a mediação pedagógica na Educação Infantil

A história nos mostra que, em séculos passados, a Educação não estava inserida nas metas prioritárias do Brasil. Em razão desse descaso, era dispensada dos mestres qualquer formação profissional. De acordo com Aranha (2000), para tornar-se professor do “ensino elementar”, bastava ao candidato saber ler, ter uma caligrafia razoável e conhecer as quatro operações aritméticas sem muito aprofundamento. Para ensinar Religião, por exemplo, era suficiente saber as principais orações da Igreja, sem carecer de mostrar compreensão dos princípios e disciplinas em torno dos quais a matéria deveria ser ensinada.

Atualmente, devido às mudanças pelas quais a humanidade tem passado nos últimos anos, tais como a globalização e a revolução tecnológica, notadamente a da informação, são exigidos dos professores múltiplos saberes que lhes confirmam competência para mediar a aprendizagem. De acordo com Barbosa (2010), essa exigência pressupõe uma postura de reflexão, autoavaliação e estudos constantes, pois cada vez mais as crianças estão conectadas com o mundo. Ficando alheio a esse fato, o professor corre o risco de se deixar ultrapassar pelas vivências do seu tempo. Notamos assim que, conforme as sociedades vão se tornando mais complexas, novas demandas são suscitadas.

Apesar de sua capacidade de construir, de aprender e de mudar, o professor, assim como qualquer outro profissional, nunca está pronto, de modo definitivo, e, por isso, deve buscar continuidade em sua formação para obter competência profissional. Esta é definida por Perrenoud (1999, p. 15) como sendo “a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”. A relevância do desenvolvimento da competência profissional se deve, portanto, ao fato de que o trabalho docente, tendo como foco a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, deve ser passivo de mudanças necessárias no modo como as aprendizagens serão atingidas.

Nesse sentido, um grande desafio da educação do presente são os saberes do professor da Educação Infantil, cujo compromisso deve ser o de possibilitar que as crianças ampliem suas capacidades e potencialidades, desenvolvam suas singularidades e participem da vida em grupo. Em outros termos, não se trata unicamente de se preparar para ações de cuidado e proteção às crianças, mas da responsabilidade em torno de educar esses pequenos indivíduos de forma integral. Isso, portanto, exige uma boa formação, haja vista que o

estabelecimento de um clima de efetiva aprendizagem está diretamente ligado ao professor, gestor de sua turma.

Sobre essa questão, Formosinho (2005, p. 138) afirma que:

[...] a globalidade da educação da criança pequena requer das educadoras um alargamento de responsabilidade pelo funcionamento da criança. Assim, a educadora de infância desempenha uma enorme diversidade de tarefas e tem um papel abrangente com fronteiras pouco definidas.

No que concerne à globalidade da educação da criança, de que nos fala a autora, esta implica, no nosso entender, que a criança deve ser vista como um ser integral, sem ser fragmentada, ou seja, criança é movimento, é emoção, é expressão oral, é pensamento. Portanto, é crucial a ampliação dos conhecimentos do professor, uma contínua reconstrução das suas práticas.

Nessa direção, as fronteiras pouco definidas do trabalho exercido pelos professores de educação infantil têm a ver com o alargamento de suas funções quando comparado com professores de outros níveis de educação, que têm como foco principal mediar a forma de aquisição dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Esse aspecto se traduz, assim, na singularidade do ser professor de crianças pequenas, uma atividade que exige conhecimentos, sentimentos, envolvimento, inclusive com familiares. Desta maneira, o trabalho desse profissional se dá no entrelaçamento de saberes, empenho nas ações e interação com aqueles que são a extensão da criança, como familiares e parentes.

Em função desses aspectos, a conquista da Educação Infantil como direito da criança e sua inclusão como primeira etapa da Educação Básica trouxe a evidência da escola como um dos responsáveis por formar cidadãos. Essa realidade suscitou a necessidade urgente de revisão na formação dos educadores, de forma que a Educação Infantil seja oferecida com qualidade não apenas por estar na Lei, mas por preparar uma geração de jovens cidadãos. Desse modo, é preciso que o docente tenha uma base teórica que lhe permita conceber formas de trabalho produtoras de conhecimentos de mundo e de valores por parte das crianças.

Compreendemos, por esta perspectiva, que, para educar e cuidar de crianças, o professor de Educação Infantil deve desenvolver especificamente a sua capacidade intelectual e a sua sensibilidade. Para isso, precisa aprender a planejar seu trabalho e suas ações de modo a ampliar os relacionamentos da criança, até então limitados à família. Por meio desse planejamento, ele a levará a interagir com outras crianças e adultos, bem como a vivenciar situações, pensar, emitir opiniões e a descobrir seu corpo. Enfim, trata-se de aprender a criar condições para a promoção do desenvolvimento integral desse sujeito.

Tais aspectos se tornam cada vez mais importantes porque vivemos em uma sociedade marcada pelo espírito de competição, pela violência, pelo individualismo e pela inversão de valores, dentre outros aspectos negativos. Em contrapartida, como estamos em um mundo globalizado, de constantes mudanças e transformações, onde as inovações acontecem com incrível velocidade, é possível que, nesse cenário, a escola de Educação Infantil venha, junto às crianças, resgatar valores como a justiça, a solidariedade, a paz, a partilha e o respeito, tanto às outras pessoas como ao nosso planeta. Isso se justifica porque, com a globalização, em especial das informações e das experiências mediadas pelos meios de comunicação, as crianças, cada vez mais cedo, interagem com diferentes mídias, como televisão, internet, aparelhos celulares, entre outras. Acreditamos que o professor possa tornar esses meios seus aliados, utilizando-os para mostrar situações que valorizem a vida, em todas as suas formas, de modo criativo e que leve a criança a refletir sobre o que está vivenciando.

Nesse sentido, o professor da Educação Infantil precisa desenvolver saberes que o permitam, a ele e às crianças, dialogarem com diferentes ferramentas que auxiliem no despertar de ideias, na busca de novas informações, no levantamento de hipóteses, no despertar da curiosidade. A esses saberes podemos acrescentar o adjetivo docente na medida em que se trata de conhecimentos. De acordo com Dieb (2007, p. 19), podemos denominar como saberes docentes do professor da Educação Infantil o “conjunto de relações epistêmicas e identitárias que são estabelecidas [por esse professor] face às exigências de sua atividade ocupacional”.

São esses saberes que permitirão ao professor de educação infantil realizar uma mediação pedagógica que seja adequada à idade das crianças. Nesse contexto, conforme as ideias de Oliveira (2002), entendemos por mediação pedagógica a ação docente de se utilizar dos diversos recursos disponíveis, fornecendo pistas às crianças sobre como aprendem, trabalham e se relacionam. Assim sendo, para uma mediação pedagógica eficaz e condizente com as necessidades das crianças, o professor deve perceber os sentidos que cada situação tem para elas, seus sentimentos, os sentidos que dá para determinados objetos e situações.

Para que a criança possa avançar cada vez mais em seu desenvolvimento, o professor deverá estimulá-las em suas experiências, fazendo relação entre o que é vivenciado na escola com o que vive fora dela. Nessa direção, as crianças entre três e quatro anos, que correspondem, por exemplo, ao Infantil III no sistema educacional de Fortaleza, necessitam ser observadas, questionadas, incentivadas a expressarem seus pensamentos. Em função disso, nos perguntamos: como o professor deve lidar com crianças pertencentes a essa faixa etária?

Que experiências devem ser propostas para atender a esse grupo, com suas características e especificidades? Isso é o que discutiremos no próximo tópico.

2.2 A aprendizagem na Educação Infantil: focalizando o Infantil III

O ser humano, no percurso da sua vida, vive diferentes etapas, cada uma com suas características, necessidades e interesses. Dessa forma, conhecer a fase pela qual a criança está passando constitui-se numa ferramenta de grande valor para o favorecimento de uma prática educativa focada na sua aprendizagem. Seguindo as Orientações Curriculares para a Educação Infantil, da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, constatamos que,

[...] aprender pode ser entendido como o processo de modificação do modo de agir, sentir e pensar de cada pessoa e que não pode ser atribuído à mera maturação orgânica, mas à experiência. Nessa concepção, as possibilidades de aprendizagem não são resultados de processos espontâneos. Elas requerem alguns elementos mediadores, em especial a colaboração de diferentes parceiros na realização de alguma tarefa. (CEARÁ/SEDUC, 2011, p. 22).

Pelo que podemos perceber, a mudança nos modo de agir implica na compreensão e percepção do mundo à sua volta, implica aquisição de conhecimentos. Assim sendo, experiências significativas, vivenciadas reiteradamente, são determinantes e provocadoras de aprendizagem.

Por esta razão, a mediação é necessária haja vista que a criança necessita não só de um ambiente instigante, provocador, como também de alguém com mais experiência que a desperte, que facilite a sua aprendizagem.

Com base nesses aspectos e tomando como referência o fato de que, a partir dos três anos o processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança torna-se cada vez mais rápido, é preciso que o professor não perca de vista que a sua interação com o grupo é indispensável e estimulante. Nessa fase, elas já podem ficar diante de ações de responsabilidade, visto que já começam a ter noções de regras, de valores como o respeito ao outro, de autonomia em suas ações e pensamentos. Assim, atividades propostas com esses objetivos são importantes meios de mediar a conquista, pelas crianças, de novas aprendizagens.

Isso encontra explicação no fato de que, segundo Oliveira (2002, p. 194-195),

[...] desenvolvem-se a partir dessa idade os sentimentos de competência e independência que tantas vezes assusta os adultos ávidos por controlar as crianças, os processos de identificação que são a base para a constituição de novos grupos e círculos de amizade e companheirismo [...]

Por esta razão, planejar ações que promovam a aprendizagem das crianças de três a quatro anos requer que o professor adote uma postura de escuta do grupo para perceber seus interesses, suas necessidades, seu grau de autonomia e o nível de desenvolvimento em que se encontram. Além disso, é preciso saber quem já frequentou uma escola e quem está entrando no espaço escolar pela primeira vez, pois esta informação fornecerá subsídio para que o docente possa organizar seu currículo, aqui definido pelas Orientações Curriculares para a Educação Infantil (CEARÁ/SEDUC, 2011, p. 28) como sendo, “o conjunto de experiências, atividades e interações efetivadas no cotidiano da instituição educacional para mediar as aprendizagens das crianças”.

Para promover tais experiências, atividades e interações, é preciso que o professor de turmas com essa idade trace seus objetivos de modo a atender às necessidades e interesses das crianças, propondo experiências significativas. Nesse sentido, ele precisa contar com o apoio da família, peça fundamental no processo da aprendizagem infantil. Dessa maneira, as aprendizagens vivenciadas no espaço da Educação Infantil se incluem nas outras que acontecem fora do espaço escolar, incrementando, assim, a construção dos saberes das crianças.

Para alcançar esse intuito, o professor não deve desconsiderar que vários e diversos são os fatores que contribuem para a aprendizagem das crianças. Ao chegar à escola, em sua sala, a forma como a criança é recebida pela professora tem um grande peso, pois isso fará com que a criança sinta-se, ou não, bem-vinda. Somente depois dessa acolhida é que a criança poderá desenvolver o sentimento de pertencimento ao grupo. Por esta razão, Staccioli (2013) defende que o professor deverá ser dotado de competências relacionais por compreender que a capacidade do educador de instaurar boas relações é fundamental para a convivência de todo o grupo.

Entendemos que as relações interpessoais estão no centro das ações docentes. Isto implica dizer que, dependendo da qualidade dessas relações, as crianças poderão sentir-se mais serenas, de bem com todos, motivadas e envolvidas na vivência das experiências escolares. Portanto, o professor não é somente um adulto no meio das crianças, mas uma pessoa que, com sua sensibilidade, desempenha um papel especial na vida de cada uma.

Salientar esses aspectos é relevante porque, segundo Catarsi (2013, p. 10), a

[...] competência relacional do professor revela-se, enfim, fundamental para estabelecer relações gratificantes e “encorajadoras” com as crianças, tendo-se a convicção de que o comportamento dos professores é essencial para o desenvolvimento de personalidades equilibradas e, também, para o próprio sucesso das crianças nas atividades escolares. O professor encorajador deve procurar

estimular na criança autoestima, confiança, segurança, interesse social e a capacidade de cooperar e de desenvolver atividades.

Sem dúvidas, o papel do professor do Infantil III é de grande responsabilidade, pois ele tem diante de si pessoas em processo de formação de atitudes e de valores, e o comportamento do docente é fundamental para o cultivo desses valores, pois é a partir do dele que a criança se sentirá motivada.

Além disso, considerando que a faixa etária de três a quatro anos tem como característica, dentre várias, a imitação do outro, o professor muito provavelmente será um modelo de comportamentos e atitudes para as crianças. Nesse sentido, as relações interpessoais entre esses dois sujeitos são determinantes no processo de aprendizagem dos pequenos. Em outros termos, isso quer dizer que, em um ambiente em que o professor é um comunicador, um orientador, um instigador, uma pessoa que se relaciona afetivamente com seu grupo, muita coisa acontece de forma espontânea, pois esses fatores levam ao despertar da curiosidade das crianças e à motivação delas para envolver-se nas experiências propostas. Portanto, a forma como o professor conduz a turma e se relaciona com ela interfere diretamente no processo da aprendizagem infantil.

Outro elemento por nós considerado relevante, imprescindível e provocador de aprendizagens é o espaço físico. Um espaço pensado também para a criança, onde ela se sinta confortável, transforma-se em um ambiente aconchegante. Dessa maneira, quanto melhor os espaços da instituição

[...] forem pensados em função das atividades e da autonomia das crianças, mais fazem surgir situações interessantes, relações que permitem que as crianças se sintam bem, contextos que possibilitam aos adultos perceber a riqueza da vida infantil e também seus efeitos na construção do conhecimento. (STACCIOLI, 2013, p. 34).

Ao elaborar um ambiente destinado às crianças do Infantil III, o professor precisa estar oferecendo um campo de exploração, um lugar que instigue a criatividade e que traga alegrias com suas cores e formas. Isso se justifica porque as crianças são naturalmente dinâmicas e costumam encontrar novos significados para os objetos. Nessa faixa etária, elas se encontram em plena descoberta de suas capacidades motoras, são ágeis e pensam muito rápido. Com a oferta desses ambientes, o professor estará ampliando as aprendizagens e também mediando indiretamente: as interações entre as crianças, a formação de pares e de grupos, o que contribui no processo de identidade, na consciência de si e do outro, bem como na descoberta de preferências, na resolução de conflitos e impasses na vivência de eventos do cotidiano por meio do faz-de-conta.

Outro aspecto preponderante na aprendizagem das crianças da Educação Infantil e que deve ser, como apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Brasil (2009), uma das bases das ações dos professores e das crianças são as brincadeiras. Brincar faz parte da natureza infantil e é um elemento facilitador de aprendizagens, de forma prazerosa. Por meio das brincadeiras, as crianças se comunicam entre si, partilham, aceitam regras e relações de hierarquia, criam, inventam, reproduzem, são autônomas. Em vista disso, o professor do Infantil III, cujas crianças com sua imaginação transformam objetos e situações conforme o significado que lhes queiram dar, deve pensar as experiências de aprendizagem com conotações de brincadeira, de modo que os pequenos aprendam, mesmo sem ter essa consciência, e deem conta do mundo que os cerca da forma mais eficaz que conhecem: brincando.

Nesse processo, vale salientar a capacidade que a criança de três a quatro anos tem de entrar no mundo do faz-de-conta, de imitar, de assumir personagens, às vezes, mais de um e concomitantemente. Deste modo, ela é capaz de reproduzir o seu cotidiano, tanto o escolar como o do seu meio familiar, ampliando sua compreensão sobre o mundo. Para Vygotsky (1994, p. 135),

[...] o brinquedo cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que a realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento.

Em vista disso, o professor do Infantil III, ao organizar o ambiente da sala, deverá fazê-lo de modo que as crianças possam vivenciar as brincadeiras espontaneamente, do jeito delas, com o formato que elas queiram dar.

Nesse sentido, o ideal seria um ambiente que dispusesse de cantos diferenciados, ou seja, lugares que pudessem ser nomeados como: o canto da leitura, com livros, revistas, encartes, dentre outras fontes; o canto da pintura e da escrita, onde os pequenos tenham a seu dispor cadernos, folhas de papel e outras superfícies nas quais possam exercitar sua arte e sua escrita com canetas, pincéis, giz de cera e lápis de cor; o canto dos brinquedos e fantasias, para que possam vivenciar o faz-de-conta; o canto dos jogos, como quebra-cabeça, da memória, de encaixar e outros. Tais cantos propiciam a interação, pois, a partir da escolha de onde ou do que brincar, formam-se os pares cujos interesses e necessidades são semelhantes (Salles; Faria, 2012). Nessas interações, onde as crianças criam o mundo do faz-de-conta, desenvolvem-se a solidariedade, a partilha, o respeito à vontade do outro, provocando, assim a aprendizagem de valores positivos.

Com base nessa discussão, arriscamo-nos no pensamento de que as práticas pedagógicas do Infantil III, cujas experiências emanem do tripé acolhimento-ambiente-brincadeiras, e que abranjam as diversas linguagens, tais como oral, escrita, plástica, motora, matemática, da natureza, dentre outras, certamente resultarão em valiosos benefícios para a aprendizagem da criança. Estes benefícios servirão de base na construção da vida da criança, cabendo ao professor o exercício constante de estudos, revisão, reflexão e inovação das suas ações de modo que estas culminem sempre no aprendizado da turma.

2.3 A formação docente: possibilidades e oportunidades

Acreditamos que um dos pontos cruciais para que nossas escolas possam oferecer uma Educação Infantil com qualidade é a formação dos professores. Nesse sentido, a formação deve começar, evidentemente, por uma graduação que contribua para a aquisição de conhecimentos e de valores imprescindíveis na atuação docente. Além do conhecimento que vai construindo, o formando na universidade, e futuro professor, deve ter a oportunidade de acompanhar as ações políticas voltadas para as crianças. Esse acompanhamento é importante na medida em que lhe são agregados valores e se lhe constituem em oportunidades para discutir, refletir e participar dessas ações. Portanto, vale salientar, que a formação inicial do professor, revestida de comprometimento e busca, é indispensável como ponto de partida para futuros aprofundamentos que visem à melhoria da sua prática.

É muito comum ouvirmos de educadores os depoimentos de que entraram na sala absolutamente perdidos, sem saber como conduzir a turma ou de que forma conquistá-la. A maior dúvida, talvez, esteja relacionada à maneira de proporcionar aprendizagens porque o que ocorre na realidade das salas de aula muitas vezes faz com que os professores recém-chegados a uma instituição de Educação Infantil tenham a impressão de não ter “visto isso na faculdade”. Sabemos que o tempo é um grande aliado e que é no dia-a-dia que o professor vai adquirindo saberes que se encarregam de refinar o seu trabalho. No entanto, não podemos perder de vista que igualmente significativos são os conhecimentos teóricos sobre o universo infantil.

Consideramos relevante mencionar aqui, a título de exemplo, as disciplinas que faziam parte das áreas de aprofundamento na Educação Infantil, do curso de Pedagogia – formação inicial obrigatória para atuar na Educação Infantil -, da Universidade Federal do Ceará (UFC), relatados por Cruz (2005, p. 225-227), antes de sua mais recente reformulação:

- a) Fundamentos da Educação Infantil, que aborda sobre a história da infância e da Educação Infantil no Brasil, integração entre cuidar e educar, formação dos profissionais, o brincar nas creches e pré-escolas, a identidade da educação infantil;
- b) Fundamentos psicogenéticos da educação, onde são vistas as contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon nos estudos sobre o desenvolvimento da criança e suas implicações para a educação infantil;
- c) Psicomotricidade, onde é focado o desenvolvimento psicomotor no contexto da infância, tanto de crianças com desenvolvimento normal como aquelas com necessidades educacionais especiais;
- d) O brinquedo como mediador do desenvolvimento da criança, onde são estudados os fundamentos teóricos e o seu papel no desenvolvimento e na aprendizagem da criança;
- e) Literatura infantil e educação da criança, que visa proporcionar reflexões teóricas sobre a literatura, suas funções e importância na Educação Infantil;
- f) Organização das experiências de aprendizagem na Educação Infantil, onde os enfoques são a organização e o funcionamento das creches e pré-escolas, seleção, planejamento e preparo de atividades, organização do ambiente físico, equipamentos e materiais, o papel do educador e a relação com a família e com a comunidade;
- g) Prática de ensino na Educação Infantil, ocasião em que os estudantes vão atuar em instituições de Educação Infantil, com acompanhamento periódico da professora da disciplina.

Interessamo-nos em dar destaque a essa sequência de disciplinas, neste trabalho, após fazermos um paralelo com as atividades que desenvolvemos junto às crianças do Infantil III, por vermos que o estudante de Pedagogia que deseja realmente abraçar a profissão deverá lançar mão desses estudos, os quais, certamente, o auxiliarão na compreensão do seu fazer junto ao grupo infantil.

Todos esses elementos se configuram como oportunidades e possibilidades de o professor constituir-se um profissional qualificado para atuação na docência infantil. Assim, é imprescindível para ele analisar constantemente o seu fazer e, para isso, a reflexão contínua o leva a rever a sua prática. Como resultado, teremos muito provavelmente o seu crescimento profissional na medida em que ele percebe o que falta, o que pode ser ajustado e o que não tem significado para as crianças.

As respostas para as possíveis lacunas podem ser encontradas nas leituras, nas trocas de experiências e estas, quando compartilhadas, acabam por produzir novas práticas educativas. Tais experiências podem ser encontradas e partilhadas nas falas sobre o assunto quando da participação em cursos, notadamente de especialização, nos seminários, palestras e outros canais de informação que tratem do cotidiano da Educação Infantil. Para Formosinho (2005), o docente, mesmo fazendo-se ao longo das suas práticas, precisa de referenciais que o levem a enxergar e entender as situações com as quais lida na escola, com a sua turma.

Sobre esse mesmo assunto, ainda podemos acrescentar que:

[...] o desenvolvimento profissional é uma caminhada que envolve crescer, ser, sentir, agir. Envolve crescimento, como o da criança, requer empenhamento, com a criança, sustenta-se na integração do conhecimento e da paixão. Cultivar as disposições para ser, saber, sentir e agir, em contexto, é um desafio que requer

processos de sustentação, colaboração, pois não se faz no isolamento. (FORMOSINHO, 2005, p. 139).

Com base nessas afirmações da autora, podemos dizer que o profissional se faz no decorrer da sua existência, nas suas ações, construindo e se desconstruindo para fazer melhor; agindo com dedicação no que se propôs a fazer. Nesse sentido, o professor precisa, acima de tudo, buscar dentro de si as potencialidades que, muitas vezes, ele não dá conta de possuí-las. Portanto, segundo o que podemos inferir das orientações de Formosinho (2005), se o professor tomar como ponto de partida aquilo que sabe, se usar da sua sensibilidade e arriscar, estará dando os primeiros passos para adquirir sua autonomia, para descobrir o que o inquieta, para fazer seu próprio caminho. Portanto, entendemos que o crescimento profissional do professor está também atrelado ao seu querer, ao seu desejo de aprender, ou seja, algo que vem de dentro de si e que se completa nas interações com o outro.

Pelo que expusemos até aqui, podemos então compreender que ser professor é estar em constante busca de aprendizagens, de aperfeiçoamento, é ser movido pelo desejo de oferecer o melhor. Dessa forma, ganha o docente, que cresce como pessoa e como profissional e reflete esse crescimento junto à sua turma, e ganha a criança, que, ao interagir com esse professor, conquista cotidianamente novos saberes, conforme discutiremos no capítulo seguinte.

3 METODOLOGIA

Esse capítulo mostra a metodologia que utilizamos para o desenvolvimento do trabalho, estando dividido em cinco seções, nesta sequência: o tipo de pesquisa, a caracterização do lócus da pesquisa, caracterização dos sujeitos da pesquisa, a técnica de construção de dados e a análise dos dados.

3.1 O tipo de pesquisa

Entendemos por pesquisa a investigação, a busca pela resposta a um questionamento sobre uma determinada realidade. Essa resposta, quando encontrada, corrobora ou não com as hipóteses do pesquisador, podendo também gerar novas perguntas e dúvidas. De acordo com Minayo (2011, p. 16), “toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida. A resposta a esse movimento do pensamento geralmente se vincula a conhecimentos anteriores ou demanda a criação de novos referenciais.” Isso, portanto, torna a pesquisa um processo que não se esgota, tendo em vista ser característica do homem a necessidade constante de procura por informações, por conhecimentos.

Para a realização do presente estudo, fizemos uma pesquisa de natureza qualitativa. Para Minayo (2011, p. 21), esse tipo de investigação “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. E é assim que se caracteriza a nossa busca, posto que nossa intenção é conhecer quais saberes são necessários para mediar o processo de aprendizagem das crianças do Infantil III, na opinião de professores dessa etapa.

Para a obtenção das respostas aos nossos questionamentos e tendo como base a orientação de pesquisa qualitativa, recorreremos à entrevista semiestruturada por entendermos que esta técnica possibilitaria ao entrevistado ampliar as informações, enriquecendo, assim, os dados acerca do assunto abordado. Conforme detalharemos mais adiante, a entrevista foi realizada no próprio local de trabalho de cada sujeito envolvido.

3.2 Caracterização do lócus da pesquisa

Fortaleza, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem no ano de 2014 uma população estimada em 2.571.896 habitantes, distribuídos em 116 bairros. (BRASIL, 2014).

Para atender à demanda de serviços que devem ser oferecidos à população dos diferentes bairros da cidade, a Prefeitura Municipal de Fortaleza está dividida em subprefeituras, as chamadas Secretarias Executivas Regionais (SER). Assim sendo, são um total de sete as SER de Fortaleza, quais sejam: Secretaria Executiva Regional Centro, Secretaria Executiva Regional I, Secretaria Executiva Regional II, Secretaria Executiva Regional III, Secretaria Executiva Regional IV, Secretaria Executiva Regional V e Secretaria Executiva Regional VI.

Dentre as sete, daremos destaque às SER II, IV e VI porque são essas regionais que atendem às instituições que visitamos. Nelas, temos o lócus e os sujeitos da nossa pesquisa. Assim, procuramos conhecer algumas de suas características, conforme passaremos a falar sobre cada uma, na sequência.

A SER II conta com uma população estimada em 325.058 habitantes, espalhados em 20 bairros: Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, de Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Cavalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota e Vicente Pinzón, nos quais, de um modo geral, a população vive marcada pelos desníveis sociais.

Isso se deve ao fato de que alguns deles concentram pessoas que, segundo pesquisas, classificam-se em primeiro lugar dentre aquelas que detêm alto poder aquisitivo, contam com uma grande diversidade de comércios, de bancos, de *shopping centers*, enfim, de equipamentos que dão a esses bairros *status* de zona nobre.

Em contrapartida, também se encontram várias comunidades que vivem precariamente, sem infraestrutura adequada para a sobrevivência, com graves problemas de segurança, dentre outros. Assim, um dos objetivos da SER II é diminuir a desigualdade social na região por ela atendida.

A SER IV abrange 19 bairros que abrigam uma população de 305 mil habitantes, conforme censo do IBGE. (BRASIL, 2014). Os bairros que a compõem são: José Bonifácio, Benfica, Fátima, Jardim América, Damas, Parreão, Bom Futuro, Vila União, Montese, Couto Fernandes, Pan Americano, Demócrito Rocha, Itaoca, Parangaba, Serrinha, Aeroporto, Itapery, Dendê e Vila Pery. Nessa região, de um modo geral, a população vive de serviços e de comércio.

São bairros antigos em sua maioria, caracterizados, alguns deles, pela oferta de grandes corredores comerciais e feiras livres tradicionalmente conhecidas. Assim, trata-se de uma regional relativamente pequena cuja população tem um poder aquisitivo que, de acordo

com estudos, coloca-a em segundo lugar, quanto ao poder aquisitivo de sua população, logo depois da SER II.

A SER VI, por sua vez, tem uma população estimada em 600 mil habitantes, distribuídos em 29 bairros, representando 42% do território de Fortaleza. São eles: Aerolândia, Ancuri, Alto da Balança, Barroso, Boa Vista, Cambeba, Cajazeiras, Cidade dos Funcionários, Coaçu, Conjunto Palmeiras, Curió, Dias Macedo, Edson Queiroz, Guajeru, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, José de Alencar, Messejana, Parque Dois Irmãos, Passaré, Paupina, Parque Manibura, Parque Iracema, Parque Santa Maria, Pedras, Lagoa Redonda, Sabiaguaba, São Bento e Sapiranga.

Nos mencionados bairros, de um modo geral, a população vive da prestação de serviços e do comércio. Isso se deve ao fato de que essa região conta com avenidas cuja infraestrutura aperfeiçoa-se constantemente, contribuindo para a dinâmica econômica desses setores da economia. Assim, um dos objetivos da SER VI é proporcionar melhorias na qualidade de vida dos moradores da região por ela atendida.

Nosso trabalho foi realizado junto a sete professoras de Centros de Educação Infantil (CEI) da Prefeitura de Fortaleza, pertencentes às Secretarias Executivas Regionais II, IV e VI, respectivamente. Ao todo, foram visitados cinco CEI, identificados na pesquisa por CEI-1, CEI-2, CEI-3, CEI-4 e CEI-5. A escolha por essa nomenclatura se deu para preservarmos a identidade das instituições. Desse modo, nos reportaremos sobre elas na sequência mencionada, obedecendo à ordem cronológica com que fizemos as visitas.

O CEI-1, pertencente à SER IV, é anexo de uma escola de Ensino Fundamental, no bairro Serrinha. Ele funciona nos fundos da citada escola, que, por sua vez, está localizada em uma avenida com bastante fluxo de veículos. No entorno dessa escola, encontramos duas realidades. De um lado, empresas de médio e pequeno portes, instituições públicas do Município e do Estado, escolas particulares, academias, igrejas, padarias, farmácias, restaurantes, lanchonetes, lojas de material de construção, enfim, variadas formas de prestação de serviços.

Por outro lado, vemos ruas sem saneamento básico, com demonstrações de que sua população está pouco preocupada ou até mesmo já acostumada a conviver com poças de lama e lixo ao seu redor. Através de depoimentos de moradores, assim como pelo que é veiculado na imprensa, trata-se também de um local habitado por muitos delinquentes e usuários de drogas.

Para ter acesso ao CEI-1, temos duas opções. A primeira delas é pela escola, através de um portão que liga as duas instituições e que é mais comumente utilizado por seus

servidores. A outra forma de acesso é encontrada na rua lateral à escola, onde encontramos a porta principal da instituição. Essa porta é, portanto, utilizada pelas crianças, seus responsáveis e pela comunidade.

O CEI-1, onde fomos bem recebidas tanto pela coordenação como pelos demais servidores, atende a faixa etária de um ano e seis meses a três anos e onze meses. Ele conta com uma coordenadora, quatro Professoras Regentes A (PR-A) e suas respectivas auxiliares educacionais, além de duas Professoras Regentes B (PR-B), as quais assumem as salas no dia de planejamento das PR-A. Somam-se ainda a estes, os profissionais responsáveis pela limpeza e manutenção do prédio e as que cuidam da alimentação, denominadas de manipuladoras de alimentos.

O CEI-1 apresenta o formato de um “galpão”, o qual é dividido em vários ambientes. Há uma sala para a coordenação e quatro ambientes, cada um, igualmente, em forma de quadrado para abrigar as crianças da creche.

As turmas de crianças se dividem da seguinte forma: uma turma de Infantil I, que fica em horário integral, de 7h00 às 17:00 horas; uma turma de Infantil II, também com horário integral e quatro turmas de Infantil III, sendo duas atendidas pela manhã, no horário de 7h00 às 11:00 horas, e duas no período da tarde, das 13h00 às 17:00 horas.

No mesmo pátio deste CEI estão a cozinha, os espaços reservados para as refeições e um banheiro coletivo para as crianças. Os banheiros para as crianças dispõem de cinco chuveiros, cinco aparelhos sanitários e uma pia, havendo ainda um banheiro para os adultos.

Para a movimentação ampla das crianças, o CEI conta com um pequeno espaço com areia, onde estão dispostos dois trens de plástico e outros brinquedos menores, tais como motos e rodas de plástico. De modo geral, essa instituição “deixa a desejar” quanto a sua estrutura física, falta variedade de equipamentos e expansão de espaços mais adequados para a livre movimentação das crianças.

No que tange ao CEI-2, fomos recebidos com muita simpatia e atenção pela coordenadora, que tratou de nos mostrar todo o prédio e nos apresentar às professoras. Ele está localizado no bairro Itapery, é anexo de uma Escola Municipal e integrante da SER IV. Situa-se em uma rua estreita, asfaltada, com razoável trânsito de veículos. Está em uma área predominantemente residencial, com pequenos comércios que atendem às necessidades básicas dos moradores próximos.

Em sua entrada principal, encontramos um agradável jardim, com areia e plantas bem cuidadas. Também segue o modelo “galpão” e suas divisões: uma sala para a

coordenação, cinco salas ambientadas para atender à faixa etária de um ano e seis meses a três anos e onze meses.

Possui uma turma de Infantil I, duas turmas de Infantil II, ambas com horário integral, de 7h00 às 17:00 horas, e quatro turmas de Infantil III, sendo duas pela manhã, de 7h00 às 11:00 horas, e duas turmas à tarde, de 13h00 às 17:00 horas.

O CEI-2 dispõe ainda de brinquedoteca, de um pequeno parque para as crianças brincarem e espaços nas laterais utilizados pelas professoras nas brincadeiras com as crianças. O pátio conta também com uma cozinha, com uma área destinada às refeições, um banheiro coletivo para as crianças, com quatro chuveiros, quatro aparelhos sanitários e uma pia, bem como um banheiro para uso dos adultos.

Em seu quadro de pessoal, possui uma coordenadora e oito docentes, sendo cinco PR-A e três PR-B. Estas últimas são para os dias de planejamento das primeiras. Além desses profissionais, o CEI possui seis auxiliares educacionais, dois profissionais de limpeza e manutenção e duas manipuladoras de alimentos.

O CEI-3 é atendido pela SER IV, situa-se no bairro Montese, um dos mais tradicionais e conhecidos da nossa cidade, principalmente pelo intenso comércio ali existente. No entorno da instituição, que se localiza em uma rua entre dois logradouros bastante movimentados, encontramos um misto de residências, templos religiosos, escolas de cursos de idioma, escolas mantidas pelo Governo do Estado e comércios.

Essa instituição atende à faixa etária de um ano e seis meses a três anos e onze meses em sete turmas. São elas: uma turma de Infantil I, duas turmas de Infantil II, ambas com horário integral, de 7h00 às 17:00 horas, e quatro turmas de Infantil III, sendo duas pela manhã, de 7h00 às 11:00 horas, e duas turmas à tarde, de 13h00 às 17:00 horas.

Para o trabalho com essas crianças, o CEI-3 conta com uma coordenadora, dez professoras, sendo sete PR-A e três PR-B e suas respectivas auxiliares educacionais. Além destes, há o pessoal de manutenção e limpeza e as manipuladoras de alimentos, que trabalham em uma estrutura no mesmo padrão dos CEI já mencionados.

Em outros termos, está configurado no formato “galpão”, com uma sala para a coordenação, cinco salas que acomodam as crianças, um banheiro coletivo infantil com cinco chuveiros, cinco aparelhos sanitários e duas pias, além de um banheiro para adultos, uma cozinha e um espaço destinado às refeições diárias.

O CEI-4 é anexo de uma Escola Municipal localizada no bairro Boa Vista (unificação do Castelão com Mata Galinha), em uma avenida com intenso tráfego de veículos. Essa instituição, integrante da SER II, tem sua frente e sua porta de acesso em uma rua lateral

da avenida. É, pois, um trecho que exige cuidados e atenção redobrados tendo em vista ser uma zona de perigo, devido à presença constante de marginais. Podemos perceber esse fato até pela forma como o CEI é resguardado, visto que possuem correntes e cadeados em seus portões. Em seu entorno, encontramos comércios de grande porte, postos de gasolina, academias, ginásios de esporte, dentre outros.

O CEI-4 atende à faixa etária de um ano e meio a quatro anos em seis turmas. Essas turmas estão divididas em uma turma de Infantil I e uma de Infantil II, as duas com permanência em tempo integral, de 7h00 às 17:00 horas, duas turmas de Infantil III, uma pela manhã, de 7h00 às 11:00 horas, e uma à tarde, das 13h00 às 17:00 horas, e duas turmas de Infantil IV, também com horário parcial (manhã e tarde). No mesmo estilo dos CEI mencionados anteriormente, possui uma sala para a coordenação, quatro salas que acomodam as turmas, um banheiro coletivo para as crianças, com quatro chuveiros, quatro aparelhos sanitários e uma pia. Além disso, possui um banheiro social para os adultos, uma cozinha e um espaço destinado às refeições, aonde vão duas turmas por vez. Para a movimentação mais ampla dos pequenos, a instituição dispõe de uma área com areia e alguns brinquedos grandes: casinha, túnel e trem, entre outros menores.

Constam de seu quadro de pessoal uma coordenadora, seis professoras, duas das quais nos receberam com atenção. Das docentes, quatro são PR-A e duas PR-B, trabalhando juntamente com suas respectivas auxiliares educacionais, com exceção da professora do Infantil IV, que atua sozinha frente à turma. O trabalho que realizam em conjunto com as famílias visa, dentre outros objetivos, proporcionar segurança e bem estar às crianças atendidas.

O CEI-5, pertencente à SER VI, está localizado no Parque Dois Irmãos. Ele é também anexo de uma Escola Municipal e se situa em uma rua quase que exclusivamente residencial. Essa rua é aparentemente tranquila, bastante arborizada e possui alguns comércios de pequeno porte. Em seu entorno, encontramos templos religiosos, uma companhia de guarda onde se concentram os policiais militares que fazem a segurança do bairro e um posto de saúde, dentre outros serviços.

Esse CEI atende à faixa etária de um ano e seis meses a quatro anos e onze meses assim distribuídas: uma turma de Infantil I e uma de Infantil II, em período integral, duas turmas de Infantil III e duas de Infantil IV, ambas com uma turma em cada turno, manhã e tarde.

O seu quadro de pessoal é formado por uma coordenadora e sete professoras, sendo quatro PR-A e três PR-B e suas auxiliares de sala, além dos funcionários encarregados

da limpeza e as responsáveis pela alimentação. Sua estrutura física também segue o padrão dos demais CEI: quatro salas para acomodar as crianças, um banheiro infantil com quatro chuveiros, quatro aparelhos sanitários e três pias.

Possui amplos espaços nas laterais, arborizados, mas, atualmente, não oferece condições para que as crianças os usufruam por estarem sendo utilizados para guarda de materiais sucateados. A área de lazer para os pequenos está limitada a um jardim de médio porte, que fica situado logo na entrada do CEI.

Foi, portanto, nas mencionadas unidades que conhecemos as PR-A, sujeitos da nossa pesquisa, sobre as quais passaremos a falar um pouco mais na sequência. Nos CEI de números 1, 4 e 5 entrevistamos uma professora de cada, enquanto nos de números 2 e 3 entrevistamos duas professoras de cada instituição, totalizando sete sujeitos.

3.3 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Para a realização da pesquisa, consideramos dois critérios: a proximidade geográfica dos CEI do nosso ponto de partida e a disponibilidade das professoras desses CEI para nos atender. Assim, entrevistamos, como dito anteriormente, sete professoras efetivas da Prefeitura de Fortaleza, ligadas às regionais II, IV e VI. Essas professoras possuem idades que variam entre 25 e 44 anos e tempo de trabalho entre um ano, o caso da professora mais jovem, e dezessete anos, no caso, a mais velha das entrevistadas.

Para nos referirmos a essas professoras, preservando-lhes a identidade, usamos como pseudônimos nomes de mulheres que fizeram história no nosso país, tanto para homenageá-las como também por ser uma forma de enfatizar que nossas docentes cunham a sua passagem na vida de cada criança atendida no espaço escolar. Segue uma brevíssima alusão a cada uma das homenageadas:

- Maria da Penha, biofarmacêutica, cearense, vítima de violência doméstica, lutou perante a Justiça brasileira, com ganho de causa, com a instituição da Lei 11.340/06, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Em sua homenagem, a lei recebeu o nome de Maria da Penha.
- Raquel de Queiroz, cearense, nascida em Fortaleza, professora, romancista, jornalista, teatróloga e cronista, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras¹.

¹ Instituição cultural sediada no Rio de Janeiro, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura brasileira

- Anita Garibaldi, catarinense, natural da cidade de Laguna, que quebrou os padrões da sua época ao se envolver na luta revolucionária, lutando com espadas e armas de fogo por ideais democráticos e liberais, ao lado do marido, Garibaldi. É chamada de Heroína dos Dois Mundos.
- Carmem Miranda, nascida em Portugal e criada no Rio de Janeiro, foi a primeira artista multimídia do Brasil, com a sua dança, seu canto e sua atuação no cinema.
- Chiquinha Gonzaga destacou-se no cenário nacional por ser a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil e foi uma das responsáveis pela nacionalização da música brasileira, numa época em que tudo vinha da Europa.
- Olga Benário Prestes, nascida na Alemanha, lutava por uma sociedade justa e igualitária. Foi casada com o brasileiro Luiz Carlos Prestes, líder revolucionário do nosso país.
- Zilda Arns, natural do Rio Grande do Sul, foi médica pediatra e sanitarista e fundadora da Pastoral da Criança e Pastoral da Pessoa Idosa, organismos de ação social com trabalhos voltados para a saúde, alimentação, educação, cidadania e espiritualidade de camadas da população que vivem em situação miserável.

Como podemos perceber, o perfil dessas mulheres é de quem ousa, acredita e subverte a ordem em busca de um ideal. Em função desse perfil é que as professoras receberam seus nomes como um codinome que representa sua história de lutas e enfrentamento de desafios. Assim, apresentamos os sujeitos da nossa investigação, conforme mostra a tabela a seguir.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

NOME / CEI	IDADE	ESTADO CIVIL	COM QUEM MORA	RELIGIÃO	FORMAÇÃO
Penha CEI-1	30	Solteira	Com os pais	Cristã, sem religião definida	Especialista
Raquel CEI-2	40	Casada	Com o marido e um filho	Evangélica	Especialista
Anita CEI-2	44	Casada	Com o marido e um casal de filhos	Evangélica	Especialista
Carmem CEI-3	25	Solteira	Com os pais e um irmão mais novo	Católica	Graduada
Chiquinha CEI-3	41	Casada	Com o marido e um filho	Católica	Especialista
Olga CEI-4	32	Casada	Com o marido e uma filha	Católica	Especialista
Zilda CEI-5	31	Solteira	Com os pais, duas irmãs e dois parentes	Católica	Especialista

Como podemos perceber essas mulheres, em sua maioria, são casadas e possuem filhos. Certamente como mães, atuar na Educação Infantil as faz impulsionar e estabelecer com maior fluidez uma relação de cumplicidade e de afetividade positiva, tão necessária no processo de desenvolvimento infantil. Assim, como educadoras que são, cumprem o papel de oferecer o melhor para as suas crianças.

No que concerne à formação, elas são graduadas no curso de Pedagogia. Nesse sentido, tecnicamente possuem suporte para atuarem na Educação Infantil. Além disso, a maioria já conta com uma especialização. Portanto, estamos diante de profissionais que buscam aperfeiçoar seus conhecimentos e suas competências profissionais.

Em todas as unidades visitadas, as professoras foram bastante acessíveis e nos deixaram completamente à vontade, o que foi determinante na obtenção dos dados de que necessitávamos.

3.4 Técnica de construção de dados

As professoras acima descritas foram escolhidas por atuarem junto às crianças do Infantil III. Desse modo, conseguir conversar com elas exigiu paciência, compreensão e sensibilidade, pois a disponibilidade de tempo livre é escassa dentro da instituição. Por isso, tivemos que agendar nossa presença com antecipação, na maioria dos CEI.

Devido à dificuldade de contato telefônico, fomos diretamente ao CEI-1, sem agendar a visita, onde procuramos a coordenadora da unidade, apresentamo-nos e expomos os motivos que nos levaram ali.

Sem solicitar autorização por escrito ou qualquer tipo de identificação, a gestora nos encaminhou para a sala do Infantil III, deixando a cargo da professora o horário mais conveniente para nos atender. Assim, marcamos a entrevista para o dia do planejamento da docente (na semana seguinte a que tínhamos ido pela primeira vez), a fim de que esta pudesse responder às nossas perguntas sem ruídos ou interferências.

Durante a entrevista, percebemos que a professora foi se tornando mais simpática e acolhedora conforme o assunto ia avançando, diferentemente do início da conversa, quando introduzimos assuntos alheios à nossa pesquisa, como meio de estabelecer um clima de informalidade. Do meio para o fim, ficamos totalmente à vontade para perguntas e respostas.

Para a entrevista no CEI-2, marcamos previamente dia e hora com a coordenadora, que nos recebeu com muita simpatia e boa vontade. Ela nos mostrou primeiramente as dependências da instituição e nos apresentou aos seus colaboradores,

inclusive informando o porquê da nossa ida. Após esse primeiro contato, que aconteceu no turno da manhã, fomos para sala da coordenação para que ficássemos, a pesquisadora e a professora do Infantil III, mais à vontade.

Durante a entrevista, foram notórios os sentimentos de entusiasmo, motivação e paixão pelo que faz, demonstrados pela professora. Isso tornou a conversa leve e prazerosa.

Para entrevistarmos a segunda professora deste CEI, no período da tarde, procedemos da mesma forma, ou seja, agendamos a visita. Ao chegar, fomos apresentados à docente pela coordenadora, que esclareceu o motivo da nossa visita e, novamente, cedeu-nos a sala para fazermos o trabalho. Não houve necessidade de mostrarmos autorização para essa atividade.

Durante a entrevista, concedida com boa vontade segundo nossas impressões, introduzimos muitas falas das crianças do Infantil III, em alusão à perspicácia característica dessa idade. A professora demonstrou plena satisfação por estar mediando o aprendizado da turma, bem como preocupação em buscar sempre novas leituras que incrementem seu trabalho.

A nossa ida ao CEI-3 também ocorreu sem aviso prévio por não conseguirmos falar com a coordenação antecipadamente. No entanto, ao chegarmos e nos apresentarmos, a gestora nos encaminhou imediatamente para as duas salas do Infantil III, expondo para as respectivas professoras o motivo de estarmos ali.

Como foi no horário da acolhida das crianças, pela manhã, esperamos cerca de uma hora para que as professoras pudessem nos atender, o que se deu no horário do recreio dos pequenos. Assim, entrevistamos uma, depois a outra professora.

Durante a entrevista, fomos interrompidas várias vezes, pois as docentes respondiam às nossas perguntas ao mesmo tempo em que estavam atentas às crianças. Em relação à primeira entrevistada, estava chegando naquele dia para ficar no lugar de uma professora recém aprovada em concurso para atuar em uma instituição do governo federal. Talvez por estar chegando num espaço desconhecido, deu mostras sutis de ansiedade, o que não interferiu no nosso trabalho.

No que concerne à segunda entrevista, esta ocorreu também sob várias interferências pelas crianças, que estavam no parque e de vez em quando, com intervalos de tempo bem reduzidos, reportavam-se à professora para relatarem algum conflito. Isso, porém, não foi empecilho para que nos prestasse atenção.

Trata-se de uma professora que se encontra há apenas um ano em sala, ainda não tem muita experiência, mas demonstra estar atenta às leituras voltadas para as fases pelas

quais as crianças passam. Além disso, pudemos perceber que é dada a ações dinâmicas que promovam o desenvolvimento infantil.

A visita ao CEI-4 foi mediada por uma professora que trabalha no período da manhã, naquele CEI, e no período da tarde junto com a professora pesquisadora. Dessa forma, fomos esperadas pela docente que nos atendeu com muita simpatia. No decorrer de nossa conversa, a coordenadora, que estava ausente, chegou e foi falar conosco, ocasião em que fizemos os devidos esclarecimentos sobre a pesquisa. Também não houve a necessidade de mostrarmos autorização.

Durante a entrevista, percebemos, enquanto a docente se referia à sua turma, um misto de professora e mãe preocupada com o crescimento saudável das crianças, as quais, no seu entender, devem ser cercadas de afeto. Assim, nossa entrevista foi pautada por emoções de alegria, de orgulho, de boa vontade.

Nossa chegada ao CEI-5 também foi inesperada pela coordenadora, pelo mesmo motivo dito anteriormente: dificuldade de comunicação prévia. Mas, após a exposição dos nossos motivos, a gestora nos atendeu prontamente, mostrando as instalações da instituição e nos apresentando às professoras. Deixou-nos à vontade com a docente do Infantil III e esta achou por bem marcar a entrevista para o dia do seu planejamento, quando poderia nos conceder total atenção.

No dia marcado, durante a entrevista, a professora demonstrou muita segurança na sua fala, considerou de grande seriedade a nossa pesquisa, até porque se graduou na Universidade Federal do Ceará (UFC). Isso instigou para que alargássemos a nossa conversa.

Em todas as unidades, iniciamos nosso diálogo com conversas informais, mas dentro do contexto escolar, para que ambas, professoras e pesquisadora, relaxassem e o assunto, objeto da nossa pesquisa, fluísse com leveza.

Seguimos um roteiro que serviu de norte para que cada questionamento corroborasse e enfatizasse o que havia sido dito nas respostas antecedentes. Assim, inicialmente buscamos informações pessoais, como idade, estado civil, contexto familiar e formação acadêmica para percebermos em que circunstâncias se deu o ingresso de cada uma na área de educação.

Obtidas essas informações, debruçamo-nos no contexto da formação profissional de cada uma: início das atividades, trajetória, de que modo ingressaram na Educação Infantil, dentre outros questionamentos, até chegarmos às perguntas que deram origem à nossa pesquisa.

As falas das professoras foram registradas no gravador do celular da pesquisadora e posteriormente transcritas na íntegra no editor de textos *Word*. As entrevistas gravadas levaram em média de cinquenta a sessenta minutos e ocorreu sempre em locais que não eram a sala da professora para não chamar a atenção das crianças.

Tais registros possibilitam mais precisão na análise dos dados, uma vez que ouvimos as falas com tranquilidade e apuramos o nosso escutar para percebermos a intensidade das respostas. Além disso, procuramos atentar para as pouquíssimas falas que eventualmente fugiram dos assuntos propostos. Desse modo, passamos analisar cada resposta, conforme veremos na sequência.

3.5 Análise dos dados

Após a conclusão das entrevistas, feitas em aproximadamente duas semanas, passamos ao laborioso trabalho de transcrição das falas das professoras. Isso requereu bastante tempo, de quarenta a sessenta minutos, em cada entrevista, pois ouvimos tantas vezes quantas achamos necessário, para não termos nenhuma dúvida e sempre cuidando para transcrever com fidelidade o que foi falado.

Terminada a digitação, conferimos uma a uma as entrevistas para verificarmos se tudo o que foi falado estava realmente impresso no papel. Concluída essa etapa, imprimimos e as organizamos por ordem cronológica de visita aos CEI. Para a identificação das professoras, utilizamos nomes de mulheres que se destacaram na História do Brasil.

Posteriormente, separamos as impressões por CEI e passamos a fazer novas leituras. Primeiramente, relemos o perfil de todas as entrevistadas, para fazermos um paralelo entre elas com relação à idade, família, estado civil, religião e formação acadêmica. Procedemos do mesmo modo com relação às perguntas: primeiramente, vimos todas as respostas de número um para termos uma visão global do início das atividades docentes das professoras. Na sequência, verificamos a motivação de cada uma para o exercício da docência para, assim, percebermos quem escolheu ser professora. Agimos assim, sucessivamente, até chegar às perguntas que deram origem à nossa pesquisa; em seguida, elaboramos o quadro de caracterização das professoras.

Através das entrevistas, percebemos que, como mediadoras no processo de aprendizagem daqueles a quem atendem, as professoras demonstraram ser conscientes da responsabilidade que assumem enquanto referência e modelo que será seguido pelos pequenos. Nesse cenário, realizam suas ações guiadas pelas concepções que têm do ser

criança, buscando atender às necessidades características da faixa etária que tem diante de si, conforme deixaram claro nos dados a nós fornecidos, cujos registros serão vistos adiante.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Nossa pesquisa buscou saber de professoras da Educação Infantil da Prefeitura de Fortaleza sobre quais saberes são necessários para a mediação do processo de aprendizagem das crianças do Infantil III, por que os consideram necessários e de que forma têm construído esses saberes, ou seja, como aprenderam a lidar com as crianças dessa idade, entre três e quatro anos. Em todas as entrevistas, observamos o fascínio das docentes mediante seu trabalho, o comprometimento com as crianças, o gosto pelo fazer, a preocupação tanto em oferecer uma educação de qualidade como com a própria qualificação profissional.

4.1 Os saberes necessários para a mediação do processo de aprendizagem das crianças do Infantil III

Nessa seção, conheceremos quais saberes, sob o ponto de vista das entrevistadas, são necessários ao docente, em seu dia a dia, para promover a aprendizagem das crianças do Infantil III.

4.1.1 Conhecimentos psicogenéticos da educação

Educar e cuidar de crianças, na escola, é uma tarefa árdua e delicada, um processo lento e que exige muito preparo por parte dos professores da Educação Infantil. Para acompanhar a trajetória da aprendizagem infantil, o docente deverá adotar uma postura curiosa e investigativa que lhe conceda amplos conhecimentos que o subsidiem na realização do seu trabalho. Nesse sentido, na mediação do processo de aprendizagem das crianças do Infantil III, o professor, de acordo com o que disseram as entrevistadas a seguir,

Deve conhecer o desenvolvimento infantil em seus diversos níveis, ter fundamentação teórica através dos pensadores sobre a criança. (Prof.^a Anita).

Tem que conhecer as fases pelas quais as crianças passam; estudar os teóricos da educação infantil. (Prof.^a Carmem).

Percebemos o quão importante é, na opinião desses sujeitos, estudar sobre as crianças, pois, como podemos constatar através dessas falas, a professora, na construção do seu aprendizado, necessita de conhecimentos específicos, voltados para a sua área de atuação, além do que, prática e teoria devem estar entrelaçadas uma vez que uma complementa a outra.

Segundo o que podemos inferir a partir da fala da professora Anita, uma boa base teórica proporciona ao professor agir de forma mais segura, pois ele tem uma visão mais

apurada acerca das necessidades e possibilidades da criança. Além disso, o conhecimento teórico permite, em relação com a prática, que o docente tenha consciência das características da aprendizagem de cada um do seu grupo. Assim sendo, ele estabelecerá objetivos de aprendizagem consistentes e coerentes com o nível do seu público.

Do mesmo modo, a professora Carmem salienta que esse conhecimento teórico é aquele que versa sobre os níveis ou estágios de desenvolvimento infantil. Como estamos tratando do Infantil III, é importante considerar a faixa etária das crianças atendidas nessa etapa, pois, desta forma, a docente centra, intensifica e aperfeiçoa suas observações sobre esses pequenos.

Nessa mesma direção, a professora Raquel, a seguir, amplia essa ideia, afirmando que:

[...] considera ser indispensável a todo professor de Educação Infantil o conhecimento das etapas do desenvolvimento da criança, o que precisa ser estimulado para o afloramento do seu potencial. Esse conhecimento auxilia o professor na sua busca em provocar o desenvolvimento e entender as atitudes da criança com quem está lidando. (Prof.^a Raquel).

Vemos que as docentes, a exemplo de outros profissionais, querem conhecer o seu campo de ação, notadamente os indivíduos para os quais direcionam seu trabalho. Observamos nos depoimentos dessas professoras que saber o que caracteriza cada fase do desenvolvimento infantil, através das investigações realizadas por teóricos da educação, é condição indispensável para o planejamento de situações e atividades, de modo que percebam o que é adequado ou não para a criança em determinado momento, ao mesmo tempo em que observam o seu potencial.

Em outras palavras, com essa fundamentação, as professoras podem criar situações de aprendizagens em que poderão verificar o que precisa ser mais estimulado para o afloramento do potencial, ou seja, verificar, como denomina Rego (1995) em sua obra sobre Vygotsky, qual o nível de Desenvolvimento Real² das crianças na faixa etária em questão. Paralelamente, a professora tem como verificar o que poderá ser feito para provocar o desenvolvimento e entender as atitudes da criança, ou seja, agir dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) da criança, que é quando ela necessita de ajuda para realizar algo. Como afirma Cruz (2005), o conhecimento das principais contribuições dadas pelos teóricos da educação enfatiza o papel do professor no processo de aprendizagem infantil.

²Esse nível corresponde ao desenvolvimento em que a criança já realiza uma atividade sozinha.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que buscam saber mais para fazerem melhor, as professoras estão fomentando a sua profissionalidade que, como diz Formosinho (2005), articula-se com os diferentes contextos que a educadora vai vivenciando.

4.1.2 Percepção da criança como um todo

Outro aspecto importante a ser discutido neste trabalho, como sendo mais um saber necessário aos professores de Infantil III e que foi apontado pelas professoras entrevistadas, é a percepção da criança como um todo. Isso significa, em outros termos, perceber a criança como um ser que sente, que tem inteligência, que necessita de movimentos, que fala e escuta. Assim, ciente de que esses aspectos se encontram no mesmo plano, o professor valoriza a criança com todas as suas expressões.

Nesse sentido, para a professora Chiquinha, isso implica que o docente pode proporcionar situações desafiadoras, que explorem adequadamente as diferentes habilidades que a criança traz consigo. Por isso, a entrevistada defende a ideia de que o professor deve conhecer:

Tudo o que for possível sobre o brincar, o faz-de-conta, sobre a psicomotricidade infantil, sobre cognição. É responsabilidade do professor perceber a criança como um todo. (Prof.^a Chiquinha).

Em seu depoimento, a docente mostra ter à sua frente um grupo em acelerado e intenso processo de desenvolvimento. Um público que tem em comum a plena capacidade motora de explorar suas potencialidades físicas, de brincar pelo prazer que a brincadeira proporciona, que está na fase da descoberta da fala, da formulação de ideias e de perguntas, procurando entender o que se passa à sua volta.

Sobre o brincar e o faz-de-conta, é importante lembrar que, para as professoras, essas atividades requerem um bom planejamento com muita imaginação e criatividade. Por isso, a observação e o conhecimento sobre como as crianças do Infantil III costumam brincar são importantes para planejar esses momentos.

Além disso, vale salientar a importância da participação da docente na preparação dos ambientes específicos para cada brincadeira e na sua interação com as crianças no decorrer desta. Assim sendo, a professora exerce um importante papel nesse contexto: como um brincante e como uma promotora de aprendizagens por meio de brincadeiras e faz-de-conta.

Associado a esses aspectos, considerar que a criança precisa do movimento e que com ele aprende inúmeras coisas também é um saber importante para as professoras. Nesse

sentido, a psicomotricidade infantil, de que nos fala a professora Chiquinha, tem a ver com a compreensão, por parte do docente, de que o movimento faz parte do processo de aprendizagem da criança, que esta precisa explorar a si mesma, para descobrir suas capacidades, e ao seu meio, através dos gestos do seu corpo, para desvendar o que o cerca. Logo, necessário se faz que o professor observe as capacidades motoras das suas crianças para, a partir daí, pensar constantemente espaços e atividades que ampliem o repertório de movimento dos pequenos.

Por fim, no que diz respeito ao aspecto cognitivo, consideramos que a professora queira destacar o fato de que cada criança tem seu modo e ritmo de aprendizagem. Isso se justifica porque cada pessoa é única, cada um tem sua história. Além disso, a criança aprende aquilo que tem significado para ela, o que está inserido em seu contexto.

Portanto, o professor não poderá se descuidar de criar oportunidades de aprendizagem iguais para todos, mas com a adoção de diferentes estratégias, de modo que todas as crianças adquiram o aprendizado esperado.

Sobre essas questões, Formosinho (2005) afirma que a criança se apresenta como um projeto, como um conjunto de necessidades de todo tipo e isso requer muita abrangência no fazer da professora, pois a criança é um ser completo: pensa, imagina, observa, age, cria, reconstrói.

Diante de tal dinâmica, a professora, além de proporcionar conhecimento de mundo, também atua, por exemplo, como educadora física, quando, juntamente com as crianças, explora movimentos corporais, como atriz, quando brinca de faz-de-conta ou conta histórias, como mãe, ao perceber necessidades de diferentes ordens, enfim, a professora do Infantil III reveste-se de inúmeros papéis, conforme salienta as professoras abaixo.

A professora tem que brincar muito, promover atividades diversificadas, porque a criança pensa e age com muita rapidez. Num curto espaço de tempo ela quer passar de uma atividade para outra. (Prof.^a Olga).

Precisa ser criativo, dinâmico, participativo, estar sempre buscando novidades que cativem crianças, que prendam a sua atenção e, o principal, gostar muito de criança. (Prof.^a Zilda).

Como podemos perceber, as docentes Olga e Zilda consideram que as crianças, na escola, para construírem seu conhecimento, necessitam da professora como uma pessoa mais experiente, para interagirem. Assim sendo, direta ou indiretamente, a docente deverá estar sempre participando das ações infantis, proporcionando prazer e bem estar à criança. Na verdade, em alguns momentos é muito importante que a professora esteja junto às crianças, misturando-se, colocando-se no mesmo patamar, quer sejam esses momentos de brincadeiras,

quer sejam de atividades de conhecimento de mundo, quer sejam nos momentos de alimentação. Esses papéis, portanto, exigem o melhor desempenho possível das professoras, até mesmo para que elas fiquem em pé de igualdade com os pequenos no sentido do entusiasmo, da curiosidade, da criatividade.

Outro aspecto importante no que tange ao conhecimento da criança como um todo é o aspecto afetivo. Vamos tratá-lo mais detalhadamente abaixo por ser um saber que mereceu destaque na fala das professoras.

4.1.3 Leituras sobre afetividade e interações

Estabelecer um clima de confiança, fazendo a criança sentir-se importante no contexto escolar e interagir de forma a fortalecer a relação com o grupo são valores que o professor do Infantil III deve cultivar cotidianamente.

Sobre isso, as professoras demonstraram, em seus depoimentos, a importância que atribuem à compreensão das sensações interiores e exteriores vividas pela criança e a preponderância das interações no processo da aprendizagem infantil. Segundo elas, é necessário ao docente do Infantil III:

Conhecer as teorias de Wallon sobre afetividade e as de Vygotsky sobre interações. Porque, mesmo com experiência, muitas vezes não entendemos determinadas reações das crianças. (Prof.^a Olga).

Ter conhecimento teórico e ser feliz com as crianças. A afetividade é o que move, que permeia as ações. Sem envolvimento, sem querer bem, sem querer o bem, fica sem sentido para a criança e para a professora. (Prof.^a Raquel).

Como podemos perceber, as professoras Olga e Raquel preocupam-se em saber sobre a afetividade por considerarem que através desse conhecimento, no dia a dia, a criança é observada com o olhar de quem busca entender o que se passa na sua cabeça e, dessa forma, a docente procura estreitar os laços, tornando a relação carinhosa e sincera. Assim, sentindo-se aceita, querida e respeitada, a criança terá no ambiente escolar um lugar que lhe dá prazer e alegria. Com isso, conseqüentemente, a professora enfrentará de forma mais leve os anseios próprios daquela faixa etária.

Sobre esse aspecto, sendo uma estudiosa das obras de Wallon, Galvão (1995) afirma que a afetividade é abrangente e insere várias manifestações: emoção, sentimento e desejo. Daí entendermos o interesse das entrevistadas acima, em conhecerem sobre o assunto, uma vez que, dada a idade das crianças do Infantil III, entre três e quatro anos, é relevante saber sobre essa condição humana.

Ainda de acordo com Galvão (1995), essa etapa da vida da criança tem o aspecto de uma crise na qual são frequentes os conflitos interpessoais. É a chamada fase do personalismo, quando a criança se opõe a praticamente tudo o que está à sua frente. Nesse cenário, é comum as crises de raiva, de alegria, de vitória, de choro, de medo, e a professora deverá estar atenta ao que se passa entre as crianças para saber quando e de que forma intervir. Assim, no nosso entender, as docentes privilegiam o aprender sobre os sentimentos da criança, através do escutar para melhor conduzir e cuidar.

Saber ouvir, conduzir, aprender, refletir sobre o trabalho. (Prof.^a Olga).

Ler sobre essa criança – do Infantil III -, para compreender sua cabeça. (Prof.^aPenha).

Como podemos perceber, as professoras Olga e Penha consideram relevante ver a criança como um ser dotado de sentimentos, e, dada a fase pela qual estão passando, onde cada um quer exclusividade, a professora se apoia nesses sentimentos para vivenciar a solidariedade, o compartilhamento e o respeito, em todos os momentos que se mostrem propícios. Com isso, dissemina esses valores e a criança vai, aos poucos, colocando-se no lugar do outro e reconhecendo regras básicas de convivência.

No que se refere às interações, inferimos que as professoras se dão conta do valor das variadas trocas ocorridas em sala para a aprendizagem das crianças. Isso se justifica porque, como vemos em suas falas, a parceria professor-criança é o ponto de partida para a construção do conhecimento infantil porque ela, a docente, conhecendo a criança, busca meios que a levem ao aprendizado de mundo, relaciona-se e a acolhe em suas ações, em suas hipóteses, em seus questionamentos. Além disso, nessas interações, o professor ajuda a criança a enfrentar as dificuldades, a superar seus medos, vibra com as suas conquistas. Portanto, o aprendizado e a desenvoltura dessa criança dependem da qualidade das relações e interações mantidas no espaço escolar.

Essas afirmações são pertinentes na medida em que Rego (1995), em sua obra sobre Vygotsky, afirma que, para este estudioso do desenvolvimento humano, o sujeito humano se desenvolve a partir das interações com o meio social em que vive. Diz ainda que por meio das constantes intervenções do adulto e de crianças mais experientes os processos psicológicos mais complexos começam a se formar.

Assim, as docentes entendem que é seu papel instaurar um ambiente que favoreça as interações das crianças com tudo o que é propositadamente posto na sala, para que possam pegar, sentir, desconstruir, ressignificar. Inferimos igualmente que pensar atividades e

experiências que deem aos pequenos oportunidade de trocarem ideias e experiências entre si também se constitui numa meta das professoras.

Em acordo com as teorias de Vygotsky, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) afirma:

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagem pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversas, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir [...]. (BRASIL/RCNEI, 1998, p. 31).

Nesse contexto, a professora é uma das principais figuras, por sua experiência, por ser ela a elaboradora e organizadora das aprendizagens dirigidas, por ser a referência, a pessoa a quem as crianças se dirigem quando não conseguem resolver algum problema.

Vale ressaltar também que num grupo de crianças há sempre aquelas que se destacam, quer seja pelo poder de liderança, quer seja por suas habilidades intelectuais, ou pela criatividade, pela atenção com os colegas, dentre outros atributos. A docente, então, deverá valer-se dessas capacidades na promoção das situações de interação, de forma a intensificar as trocas de experiências que culminam em aprendizagens.

4.1.4 Cuidado, educação e desenvolvimento das diversas linguagens

Neste item, como mais um saber importante no fazer da professora do Infantil III, destacamos o cuidar e educar considerando as diversas linguagens da criança. Esse tem sido apontado pelas docentes entrevistadas como um dos saberes essenciais em virtude das necessidades físicas e psicológicas próprias da idade. Assim sendo, o trabalho pedagógico com as crianças do Infantil III requer muita responsabilidade e a realização de atividades que proporcionem, simultaneamente, cuidados e educação.

Como uma demonstração desse pensamento, apresentamos abaixo a fala da professora Zilda, para quem o professor deve saber elaborar atividades e situações que,

Englobem o cuidar e o educar no desenvolvimento da criança, nas diversas linguagens: oral, escrita, matemática, artística, corporal e musical. Isso requer muito conhecimento do professor. (Prof.^a Zilda).

A professora em foco assume que tem diante de si uma diversidade de tarefas junto ao seu grupo de crianças, que se iniciam com as ações de cuidado, não apenas cuidados relacionados à higiene, alimentação ou saúde, como também o cuidado em dar voz, em dar liberdade de expressão, em atender e entender as suas necessidades. Portanto, são múltiplas as

experiências que poderão ser exploradas e que servirão de ponte para levar aprendizado às crianças.

Isso tem a ver com o que Formosinho (2005, p. 137) afirma sobre a criança, sinalizando que esta “é um ser frágil, que necessita de cuidados físicos e psicológicos constantes como base para o seu desenvolvimento.” Nesse sentido, a professora Zilda entende o alargamento do seu papel e a responsabilidade que tem sobre essa criatura que está ali e espera receber carinho, atenção, respeito e dedicação e sentir-se importante.

Nossa entrevistada também tem consciência da sua responsabilidade mediante a construção do aprendizado de mundo da criança, em suas diversas linguagens como ela citou. Por este motivo, acreditamos que as linguagens a que se referiu são trabalhadas cotidianamente e as crianças aprendem naturalmente.

É um trabalho de muita responsabilidade; a criança está formando sua base. Tudo o que for dito e feito ficará na sua cabeça, marcado para o resto da vida. (Prof.^a Chiquinha).

A criança aprende explorando o ambiente com curiosidade e imaginação, pois quanto mais for estimulada a falar, a movimentar-se e descobrir, maior será o seu desenvolvimento. (Prof.^a Zilda).

Como podemos perceber, as professoras Chiquinha e Zilda também consideram que a criança se expressa diante das pessoas – adultos e outras crianças – utilizando-se de variadas linguagens. Assim sendo, uma das maneiras de promover aprendizado é através da fala e os pequenos devem ser incentivados a utilizar-se desse importante veículo de expressão nas mais diferentes situações de comunicação.

Nesse sentido, o exercício da oralidade, no Infantil III, acontece ininterruptamente na medida em que a criança conversa com os colegas e com a professora. Esta, por sua vez, ao repetir corretamente aquilo que os pequenos ainda não sabem pronunciar, ao cantar, ao incentivar para que todos cantem, ao chamar, ao perguntar, ao responder, dentre tantas outras formas de falar, está levando a turma a fazer uso das palavras e a ampliar o seu vocabulário. Desse modo, a docente estará estimulando de forma natural o desenvolvimento e a aprendizagem da linguagem oral.

A escrita é outra forma de comunicação que a professora explora sem se prender a conteúdos formais. Na sala ou no ambiente que considerar adequado, a função social da escrita atinge seus objetivos, quando, por exemplo, é exposta uma lista com o nome das crianças que compõem aquele grupo, ao fixar na parede uma poesia ou a letra de uma música, um recorte de jornal ou revista, quando se escreve as respostas das crianças a determinadas perguntas, através dos livros de histórias, dentre outros portadores de texto. Assim, pelo que

nos disseram as professoras, o importante é que o grupo tenha oportunidade de explorar a escrita, mesmo sem saber ler ou escrever, pois, assim, estará iniciando a sua inserção no mundo letrado.

A linguagem matemática também é largamente utilizada pela docente por intermédio dos objetos que compõem o ambiente do Infantil III: a quantidade de crianças - quantos meninos, quantas meninas, quantos faltaram, o número de cadeiras, de mesas, os dias da semana e do mês, a idade de cada um, o calendário, o relógio.

São simples e inúmeras as situações de aprendizagem que podem surgir a partir desses elementos, para o que a docente tem de estar atenta para aproveitar todas as oportunidades de forma descontraída para as crianças. Por essas razões é que as professoras salientam, em suas falas acima, que tudo fica gravado na cabeça da criança, razão pela qual as situações de aprendizagem, especialmente a exploração da linguagem matemática, devem ser bem pensadas para que a criança a experimente prazerosamente.

A linguagem artística é outra que está presente em todos os momentos na medida em que a professora deixa as crianças livres para usarem sua criatividade na dança, na pintura, no desenho, no canto ou nos trabalhos artesanais. É uma linguagem divertida e que não exige do grupo e mesmo da professora, que seja, necessariamente, artista para inventar, criar ou sentir e a docente sabe que deve conscientizar a turma sobre isso, incentivando-a a fazer algo conforme a sua imaginação. Logo, como pudemos inferir do que nos disseram as professoras acima, essa linguagem flui a partir da curiosidade e da imaginação infantil, e:

Provoca brilho no olho, não só da criança como também da professora, pois muitas vezes não nos imaginamos capazes de criar algo e quando o fazemos não acreditamos ter vindo de nós. (Prof.^a Raquel).

Com a imaginação extremamente fértil, a criança fantasia e inventa, tem criações que estão longe do que a professora poderia fazer, utilizando-se de coisas simples. (Prof.^a Anita).

Como podemos observar, as professoras Raquel e Anita também consideram que a arte acontece espontaneamente, mas que é necessário que a professora crie um ambiente propício para incentivar as crianças a experimentarem diferentes suportes, conforme a sua imaginação.

As professoras tratam da linguagem do corpo como outra que flui naturalmente na medida em que as crianças vão descobrindo suas potencialidades físicas. Assim como a arte, o movimento é uma ação involuntária, uma forma de expressão, um modo de interagir e conhecer o que se encontra ao redor da criança.

Isso ocorre no transcorrer de todo o ano, cabendo à professora o cuidado de oferecer oportunidades em que o grupo amplie seus movimentos, dançando, pulando, enfrentando desafios e vencendo obstáculos, até porque é próprio da criança não conseguir ficar parada. Nesse sentido, necessário se faz o planejamento de situações que façam com que os pequenos aprendam sobre o significado tanto dos mais simples como dos mais ousados movimentos, sobre os limites e possibilidades do seu corpo.

Logo, é um saber relevante para as professoras visto que são ações que também exigem grandes cuidados e, como afirmou a professora Chiquinha, é um trabalho de muita responsabilidade, pois “a criança está formando a sua base”, inclusive a corporal, o que merece especial atenção.

Por fim, a música, sendo indispensável na vida do ser humano, pode ser apontada como um elemento que acalma, desperta, faz sonhar, imaginar, elevar a pessoa para outras dimensões. Essa é a razão pela qual a professora do Infantil III, segundo os relatos acima, não pode descuidar-se de oferecer diferentes gêneros, para que o grupo adquira cultura musical ao mesmo tempo em que conhece e valoriza as criações, além de aprender a ouvir os sons que fazem parte do cotidiano, como os sons da natureza: o barulho da chuva, o canto dos pássaros, o som dos ventos. Com relação a essa sonoridade, a professora Anita comenta:

As crianças são capazes, sim, de identificar e até de imitar os sons que vêm da natureza, como o barulho do mar ou de um trovão. (Profa. Anita)

Portanto, saber lidar com a música é importante ao docente dessa etapa educacional porque, além do que já foi mencionado, trata-se de uma das formas que auxilia no desenvolvimento de aspectos, como a escuta, a atenção, os movimentos do corpo através de gestos e danças, a coordenação motora, dentre outros benefícios, requerendo do professor um repertório musical que possibilite essas ações. A professora Anita confirma esse pensamento:

É importante que nós conheçamos diferentes estilos musicais e assim aumentarmos o repertório musical e rítmico da criança, indo além do que ela ouve costumeiramente. (Profa. Anita)

Diante do exposto acima, os discursos revelam o compartilhamento da idéia da Educação Infantil como uma imprescindível etapa da vida escolar da criança, exigindo do professor do Infantil III saberes e conhecimentos que o autorizem a oferecer uma educação de qualidade.

Para as entrevistados, cada conhecimento e cada saber tem a sua importância dentro do contexto escolar, porque a partir deles novas ações vão sendo realizadas e com isso o professor vai mudando ou aperfeiçoando a postura diante da sua turma. Sobre esse assunto, vejamos a seguir como discorreram as docentes.

4.2 Por que os saberes elencados são necessários?

No tópico anterior, vimos, como objetivo primeiro, o que as professoras consideram necessário saberem na mediação da aprendizagem das crianças do Infantil III. Neste tópico, que corresponde ao nosso segundo objetivo específico, passaremos a conhecer as justificativas apresentadas pelas professoras para explicar o porquê dos saberes por elas elencados.

4.2.1 *Segurança quanto ao fazer docente*

Ao ler os relatos das professoras entrevistadas, percebemos que para elas a prática pedagógica acontece totalmente quando o educador tem como base a sensibilidade, o respeito e o comprometimento com as crianças.

Foram, portanto, esses os valores que pudemos detectar nas entrevistas feitas com professoras do Infantil III acerca dos saberes necessários na mediação da aprendizagem das crianças pertencentes a esse nível, conforme veremos nos seguintes depoimentos.

Para que a gente possa fazer um trabalho que contribua efetivamente para o desenvolvimento integral da criança, para que a gente possa descobrir, através da própria criança, como ela aprende, como o interesse dela é despertado. (Prof.^aPenha).

Para que a gente tenha segurança no dia-a-dia, nas experiências que propomos às crianças, para saber de quais estratégias devemos nos utilizar para fazer com que a criança avance. (Prof.^a Anita).

As professoras Penha e Anita entendem que o conhecimento teórico, somado às experiências acumuladas, enriquece o trabalho docente e proporcionam segurança no fazer diário.

No aspecto destacado por Penha, conhecer o que desperta interesse na criança justifica e explica os saberes arrolados no item 4.1 acima exposto. Desta maneira, a professora compreende que pode contribuir para a realização de experiências significativas, que façam com que seus objetivos de aprendizagem sejam alcançados.

Em acréscimo, saber o que desperta o interesse da criança auxilia o docente no aprimoramento do seu trabalho e torna as suas práticas mais estimulantes. Portanto, é fundamental insistir nos estudos voltados para a educação infantil.

Para a professora Anita, o que justifica aqueles saberes é a segurança que eles trazem para o professor em relação ao seu modo de agir em sala de aula. Em outros termos, isso implica realizar um trabalho coerente, voltado realmente para aprendizagem. Assim,

conhecer os níveis do desenvolvimento infantil se constitui numa das bases para a promoção da aprendizagem infantil.

4.2.2 Atendimento aos desafios da atividade docente

As docentes mostraram-se desafiadas a buscar sempre novos conhecimentos e novas teorias por considerarem as crianças do Infantil III extremamente dinâmicas, seres que têm uma forma própria de ver o mundo. Isso parece justificar os saberes que elas nos apresentaram como importantes à docência nessa faixa etária, pois é preciso desenvolver-se continuamente, ver o que ainda falta para aprender, perceber equívocos. Nesse sentido, as professoras Olga e Zilda, a seguir, também argumentam que o professor tem que incorporar em seu trabalho o aperfeiçoamento profissional, pois isso é um diferencial na aprendizagem infantil.

Necessitamos desses saberes, porque, a partir deles, passamos a entender a criança, seu comportamento e seu processo de desenvolvimento. Esses saberes solidificam o trabalho da professora. (Prof.^a Olga).

Porque é assim que a professora contribui na formação da identidade da criança e em seu desenvolvimento. (Prof.^a Zilda).

Percebemos que as professoras realmente têm a preocupação de ver o seu grupo evoluindo, crescendo, aprendendo, razão pela qual buscam também aprender mais.

No caso de Olga, a solidificação de seu trabalho pode ser interpretada como sendo a realização de experiências que tenham realmente o objetivo de promover a ampliação dos conhecimentos da criança e não atividades com o intuito de cumprir uma carga horária. Assim, de posse dessa base teórica, a professora articula situações condizentes com o que está ao alcance do seu grupo, fortalecendo o aprendizado da turma e o trabalho docente.

Para Zilda, a justificativa caminha na direção de como o professor contribui para a formação identitária da criança. Por essa afirmação, podemos compreender que a professora é consciente de que tem uma participação direta nesse processo. Dito de outro modo, a professora tem muito a contribuir com a busca do autoconhecimento, pela criança, uma vez que, fora a família é ela, a docente, a pessoa mais próxima e com quem a criança estabelece um forte vínculo.

Assim, reconhecer-se, descobrir características físicas, habilidades, preferências, capacidades, dentre outras, são aprendizagens sobre as quais a professora tem responsabilidade. Portanto, necessário se faz ações adequadas que culminem na formação da identidade infantil.

4.2.3 Auxílio ao planejamento

Algumas das professoras foram mais específicas, justificando a necessidade desses saberes para fazerem um bom planejamento, o qual elas consideram ser um elemento desafiador e que pode auxiliar na intenção de proporcionar experiências condizentes com o grupo.

Para melhor planejar as ações, para buscar as melhores estratégias e instrumentos que promovam o desenvolvimento da criança de forma integral. (Prof.^a Raquel).

Porque eles dão norte para o planejamento. Sem conhecimento, corremos o risco de ir além ou aquém das capacidades da criança. (Prof.^a Carmem).

Vemos, assim, que o planejamento das docentes não é feito apenas para compor um ritual, uma exigência, mas para realmente elaborar fazeres voltados para a aprendizagem das crianças.

Conforme sugere a fala da professora Raquel, os saberes elencados permitem ao professor atuar a partir de um patamar de conhecimentos que levem em conta as características e necessidades do grupo, considerando a faixa etária. Sem esses conhecimentos, talvez fosse bastante difícil para elas a elaboração de experiências que respeitem os limites da criança. Desta maneira, conhecendo a fase pela qual as crianças estão passando, o planejamento e a execução das ações serão voltados para as reais necessidades dos pequenos.

As palavras da professora Carmem parecem corroborar com essa ideia na medida em que ela se preocupa com o nível de conhecimento da criança acerca do que pretende explorar: o que ela já sabe e o que precisa aprender. Sem um planejamento baseado em informações e conhecimentos sólidos, por parte do professor, é possível que o trabalho se perca, que frustre professora e criança, que não atinja os objetivos propostos. Assim, de posse de conhecimentos, a docente elabora situações que atendam às necessidades de aprendizagem infantil, dentro dos limites do grupo.

Concluimos, portanto, que a busca pelo aperfeiçoamento nunca pode cessar. Como já vimos anteriormente, várias são as fontes que levam ao aprendizado e, por conseguinte, à ampliação dos conhecimentos indispensáveis para sedimentar a formação profissional do professor. Mas, tudo isso requer alguns processos, os quais foram analisados a seguir.

4.3 Os processos de construção dos saberes narrados pelos sujeitos

Em suas buscas para o alargamento dos saberes, para reaprenderem a lidar com as crianças do Infantil III, as docentes recorrem a variados expedientes, praticamente comuns a todas. Esses expedientes são o que chamaremos aqui de processos de construção de saberes. Nesse sentido, as professoras entrevistadas primam por sua formação cultural voltada para o contexto escolar, quer seja de modo formal ou sistematizado, quer seja com estudos individuais.

Assim sendo, de um modo geral, a professora Anita parece resumir tais processos quando afirma:

Aprendemos ao longo dos anos, nas relações e trocas de experiências, nas formações, nas leituras, nos congressos e seminários. (Prof.^a Anita).

Como podemos perceber, trata-se de uma ampla gama de atividades formativas por meio das quais as professoras se atualizam, (re)veem as dinâmicas que movem o dia-a-dia das crianças. Assim, as docentes refletem sobre seu trabalho e sobre como se encontra o repertório de conhecimentos necessários para mediar o aprendizado das crianças. Desta maneira, detalharemos um a um na sequência.

4.3.1 Momentos de leitura e de estudo pessoal

Toda forma de aprendizado é válida, quer seja no próprio ambiente de trabalho, quer seja fora dele, desde que não aconteça apenas para se buscar novas estratégias, mas para provocar mudanças na postura da professora. Nesse sentido, um dos processos mais comuns de formação das professoras, por meio do qual elas constroem seus saberes é através de momentos de leitura.

No dia-a-dia, com leituras. As formações da Prefeitura ajudam, mas poderiam ser melhores, ficam a desejar. (Prof.^a Olga).

Percebemos que o pensamento crítico da professora reflete seu anseio por uma preparação mais abrangente, que dê conta das lacunas existentes, muitas vezes por desconhecimento.

Através das leituras, das trocas com os colegas. Gosto de ler revistas especializadas em educação infantil, porque são sempre atualizadas. (Prof.^a Carmem).

Lendo, observando a criança em suas necessidades e desejos. Ficar atenta à criança, na sala, no parque, nas rodas de conversa é uma boa forma de vê-la com mais rigor. (Prof.^a Zilda).

Como podemos verificar as professoras Carmem e Zilda também consideram válidos os saberes procurados espontaneamente, os saberes baseados nas experiências, os saberes que resultam do trabalho cotidiano. Com isso, elas encontram no local de trabalho muitas das informações de que necessitam para enriquecerem as suas práticas.

Observamos também que uma das motivações para a busca de novas abordagens infantis, deve-se ao fato de que, conforme já discorremos, a professora deve acompanhar o ritmo das mudanças na sociedade, no comportamento das pessoas. Por isso, buscam ler sobre isso, a fim de compreenderem a dinâmica da sua turma.

Aprendo com as crianças mesmo; procuro ler, estudar, principalmente se me deparar com alguma situação nova. (Prof.^a Penha).

Com muito estudo, indo buscar em cursos, sempre lendo, procurando autores com novas teorias. (Prof.^a Chiquinha).

Como podemos inferir, as professoras Penha e Chiquinha também consideram a leitura e o estudo pessoal como um dos meios eficazes no processo de construção do conhecimento. Com isso, são agentes da sua aprendizagem. Assim sendo, as docentes não poderão medir esforços para que esses momentos sejam realmente de aperfeiçoamento profissional.

Além da leitura e do estudo pessoal, as professoras também se utilizam de outros canais que ampliam seu repertório de saberes e facilitam encontrar meios adequados para a evolução da aprendizagem infantil, conforme segue.

4.3.2 Observações constantes acerca do comportamento da criança

A observação é, sem dúvida, uma forma bastante eficaz de conhecer a criança, em diversos aspectos: suas falas, suas interações, quais as preferências, o que rejeita, quais habilidades possui, qual o grau de autonomia, como se dá a sua participação nas experiências e atividades, o grau de dificuldade ou facilidade que apresenta na realização das ações, como ela lida diante de novas situações, enfim, são inúmeras as informações que podemos obter partir do que é visto e percebido na criança.

Quando faço observações escritas para compor um relatório estou automaticamente conhecendo melhor de que modo a criança se apresenta e isso me desperta novas formas de trabalho. (Prof.^a Zilda).

Observando e escutando de forma mais apurada, buscando realmente ver a criança por dentro, o que é latente ou suas fragilidades, ajuda-nos a pensar ações nas quais ela se encontre. (Prof.^a Penha).

Desse modo, praticando a observação sistematicamente e fazendo o registro do que viu, a docente, conforme nos mostraram as professoras Zilda e Penha, estará de posse de um rico material que lhe possibilitará desenvolver práticas que chamem a atenção das crianças e que tornem os momentos passados na escola de total aprendizado. Concordamos, então, que observar o comportamento infantil é uma ferramenta para aquisição de saberes

4.3.3 Interações com a família

Todo professor deve ter o mínimo de noção de como é importante a interação com a família das crianças do Infantil III. Essa relação proporciona o conhecimento de como são os pequenos no contexto familiar e isso auxilia o trabalho na medida em que leva em conta as suas origens. Para a professora Chiquinha, a criança,

dependendo da família, de onde vem, oferece mais facilidade para seguir regras, para aceitar o que é proposto pela professora. Além disso, pelo diálogo, percebemos quando a criança é acompanhada, quando existe realmente a preocupação de como está sendo o dia-a-dia do pequeno na escola. (Prof.^a Chiquinha).

Por essa fala, a professora nos mostra prezar pelo diálogo com a família e, conseqüentemente, pela parceria para, juntas buscarem promover o aprendizado da criança de acordo com a sua realidade, considerando seus limites e possibilidades. Vale salientar que essa interação tem que acontecer de modo que professor e família estejam lado a lado acompanhando os avanços da criança e unindo esforços caso seja percebida alguma dificuldade por parte do pequeno.

A família, por sua vez, há que reconhecer o seu papel ante a educação dos seus filhos, usando de bom senso para discernir o que lhe cabe como responsabilidade e para ter consciência de que a escola é um espaço onde se aprende regras de convivência, muitas vezes diferente das de casa. Dessa forma, ambas as instituições se complementam em suas ações e a criança se percebe acompanhada em sua aprendizagem.

Enfatizamos aqui mais um dos papéis desempenhados pelo professor: o de mediador entre escola e família, abrindo, ampliando e facilitando a comunicação para o compartilhamento das experiências proporcionadas visando a aprendizagem da criança.

4.3.4 Nos momentos de planejamento e trocas de experiências

Os momentos de planejamento são os mais propícios, na escola, entre os professores, para a troca de informações, para o compartilhamento de ideias, para a análise

das práticas. Sendo assim, é um momento único, que ajuda o docente na reflexão do seu trabalho e na aquisição de novos conhecimentos, conforme ele fomenta o diálogo com seus parceiros. Com isso, ganham todos os professores que se preocupam em oferecer situações de aprendizagem de acordo com o público que atendem. Buscando ampliar seus saberes para mediar a aprendizagem das crianças do Infantil III, a professora Zilda encontra suas respostas, muitas vezes,

dialogando e questionando sobre essa idade com outras professoras, trocando ideias sobre momentos conflitantes e momentos serenos entre algumas crianças, sobre quem tem mais ou menos facilidade de participar das propostas feitas em sala. (Prof.^a Zilda).

Como percebemos, essa é também uma estratégia que pode ser utilizada pelos docentes visando conhecer cada vez mais o público com o qual trabalha e, dessa forma, ampliar o leque de situações necessárias para a promoção do aprendizado da criança.

Vimos através dos depoimentos que as professoras têm uma constante preocupação com a atualização dos seus conhecimentos, em buscar novas formas de desenvolver aprendizagens, percorrendo diferentes direções: na própria escola, com as crianças, com os colegas, nas formações patrocinadas pela Prefeitura de Fortaleza, embora esta, na opinião de uma das docentes, “ficam a desejar”, mas que, a nosso ver, sempre deixam um saldo positivo. Outras intensificam seus estudos por sua própria conta.

Assim sendo, o que nos parece importante, na visão das professoras entrevistadas, é permanecer informado e conectado, reavaliando regularmente suas propostas e reaprendendo como lidar com o grupo de crianças do Infantil III. Nesse sentido, vários são os caminhos que levam aos saberes para essa atuação e é necessário que elas andem por eles, com determinação, para que possam ver o resultado de seu trabalho refletido no desenvolvimento da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente item contempla os pontos que mais foram enfatizados e discutidos na exposição dos dados. Além disso, apresenta algumas possíveis implicações dos resultados da pesquisa e sugestões para que esta tenha continuidade, tendo em vista o vasto número de docentes que atuam na Educação Infantil, especificamente no Infantil III, o que torna igualmente ampla a quantidade de sujeitos a serem consultados.

Pontos essenciais do trabalho

Nossa pesquisa buscou conhecer de algumas professoras da Educação Infantil da Prefeitura de Fortaleza sobre quais saberes são necessários para a mediação do processo de aprendizagem das crianças do Infantil III. Nesse percurso, procuramos compreender o motivo pelo qual elas os consideram necessários e de que forma tem construído esses saberes, ou seja, como tem aprendido a lidar com as crianças dessa idade, entre três e quatro anos.

Em relação ao nosso primeiro objetivo específico, concluímos que as professoras consideram fundamental o embasamento prático e teórico através dos estudiosos da Educação Infantil, inclusive sempre se atualizando com relação a novos estudos sobre a criança. Para elas, é indispensável conhecer as fases pelas quais ela passa e reconhecê-la como um ser completo, que aprende diversas linguagens. Assim, sobre os saberes necessários para mediar o processo de aprendizagem das crianças do Infantil III, podemos afirmar ainda que, para além dos conhecimentos já citados, é necessário que se estabeleça uma relação afetiva positiva entre professora e criança. Nesse sentido, pensamos que, para elas, gostar do que faz e fazê-lo não apenas como uma profissional, mas também como um ser humano que está ali imbuído dos sentimentos que movem suas ações, é o essencial, visto que a docência envolve todas as crianças e esse clima de afeto surge naturalmente.

Reportando-nos agora ao nosso segundo objetivo específico, o qual tratava da importância que as professoras atribuem aos saberes elencados para a mediação da aprendizagem das crianças, podemos concluir que, sendo a criança o centro de todas as práticas pedagógicas, esses saberes se fazem necessários para auxiliarem as entrevistadas no que diz respeito ao planejamento das ações. Isso se justifica ainda porque, segundo o que afirmam Silva; Cruz e Cruz (2014, p. 44), “a organização do trabalho pedagógico precisa se pautar [...] no planejamento de estratégias contextualizadas com o universo infantil [...]”. Dessa maneira é que as professoras do Infantil III tendem a proporcionar às suas turmas

tempos de desafios e, por conseguinte, de novas aquisições e ampliação de conhecimento, articulando os saberes com suas práticas.

Sobre o nosso terceiro objetivo específico, o qual tratava dos processos pelos quais os professores do Infantil III estão construindo seus saberes, podemos concluir que se trata de um processo ininterrupto, pois o conhecimento nunca fica pronto, acabado. Nesse sentido, cremos que as docentes não têm se dado por satisfeitas, mas desafiam-se a aperfeiçoar suas metodologias e suas práticas pedagógicas. Por conseguinte, estão sempre abertas a questionamentos, cujas respostas são encontradas nas leituras, nos debates, no dia-a-dia da escola, junto das crianças e de outros professores.

Com base no exposto, consideramos de um modo geral que, igualmente às crianças, as professoras do Infantil III vivem o movimento da aprendizagem, através do qual elas se reconstróem cotidianamente.

Implicações da pesquisa

Os resultados encontrados nesse trabalho podem ser úteis à área da Educação e da Pedagogia, no sentido de colaborar com os professores do Infantil III na percepção de que o ambiente onde se encontram docentes e crianças pode ser um locus de reflexão das práticas pedagógicas. Em outros termos, isso quer dizer que através das várias expressões manifestadas pelas crianças de três a quatro anos de idade, as professoras nos ensinam a pensar os nossos fazeres, colocando-nos no lugar dos pequenos e trabalhando de forma a atender às necessidades específicas de cada turma, aliando, portanto, o conhecimento teórico que temos sobre essa faixa etária com as experiências vivenciadas junto com os pequenos.

Outra implicação relevante de nosso trabalho reside no fato de que é realmente necessária uma formação docente voltada para a educação infantil. Isso se justifica porque é preciso ampliar a visão do professor, fazendo com que ele possa rever conceitos, fazer reflexões, e instigá-lo a pesquisar. Assim, é imprescindível que todo docente que atua na educação infantil disponha dos conhecimentos teóricos acerca do universo infantil. Para isso, a Secretaria de Educação do Município de Fortaleza (SME) pode incentivar a participação dessas docentes no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pois, ao final, como resultado terá, certamente, professoras com novas formas de trabalho, lançando novos olhares, enxergando nessas crianças um ser rico de possibilidades, de atitudes, que aprende, mas que também ensina, que enfrenta desafios.

Pelo que constatamos, uma das formas encontradas pelas professoras para discutirem suas práticas é junto às demais companheiras. Em vista disso, pensamos que a Secretaria de Educação do Município poderia ainda formalizar momentos de formação na própria escola onde a docente está lotada, pois teriam mais momentos de troca, de reflexão, de oficinas, de leituras, de formação de grupos de estudos. Com certeza, a realização desses momentos formativos seria de grande relevância no que concerne à troca de experiências, aos diálogos, ao compartilhamento de ideias, e isso vem a fortalecer e viabilizar a construção de uma prática pedagógica efetivamente pensada para a criança.

Sugestões de continuidade da pesquisa

A sugestão para continuidade da pesquisa dá-se em função do pouco tempo para a realização do nosso trabalho, o que não permitiu que explorássemos alguns pontos.

Como primeira sugestão de continuidade, pensamos que seria muito interessante um estudo voltado especificamente para as crianças que estão no Infantil III, tendo em vista as transformações vividas por elas nesse intervalo entre três e quatro anos de idade. Como lidar com as transformações ocorridas neste estágio: as emoções, os movimentos e a personalidade das crianças do Infantil III? Consideramos que um estudo mais aprofundado é uma forma de buscar garantir situações que promovam a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Uma segunda sugestão seria pesquisar sobre de que forma os docentes do Infantil III estão transformando as falas, as perguntas, as hipóteses e as ações das crianças em situações de aprendizagem, uma vez que são eles, os pequenos que nos fornecem material para o desenvolvimento das práticas cotidianas. O ponto de partida da pesquisa seria, então, o seguinte questionamento: De que forma os professores do Infantil III estão transformando as expressões da criança - as falas, as perguntas, as hipóteses e ações - em situações de aprendizagem? Assim, poderíamos conhecer como o professor faz as conexões entre o que a criança expressa e o que se passa a seu redor.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2000.
- BARBOSA, Rubens. O novo perfil do professor. **Revista Nova Escola**, edição 236, outubro/2010. Disponível em: <www.revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 10 set. 2014.
- BARRETO, Angela M. R. F. Por que e para que uma política de formação do profissional de educação infantil? In: **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/DEP/COEDI, 1994.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília -DF: Senado Federal, 1988.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília -DF: Senado Federal, 1990.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI)**. Secretaria de Educação Básica. Brasília -DF: MEC/SEB, 2009.
- _____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. 2014.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília - DF: MEC/SEB, 1996.
- CAMPOS, Maria Malta. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/DEP/COEDI, 1994.
- CATARSI, Enzo. As competências relacionais do professor na escola do acolhimento. In: **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas: Autores Associados, 2013.
- CEARÁ/SEDUC. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Fortaleza: SEDUC, 2011.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. A Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará: a construção de um caminho. In: **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- DIEB, Messias Holanda. **Móbeis, sentidos e saberes**: o professor da Educação Infantil a sua relação com o saber. 2007, 316f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2007.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FORMOSINHO, Júlia Oliveira. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. In: **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Phillipe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

SALLES, Fátima; FARIA, Vitória. **Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

SILVA, Kátia Cristina Fernandes; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade; CRUZ, Sílvia Helena Vieira (org.). **Práticas pedagógicas na Educação Infantil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento da infância**. Campinas: Autores Associados, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 03/2015.

<http://www.brasilecola.com/biografia/raquel-queiroz.htm>. Acesso em 03/2015.

<http://www.academia.org.br/Abl/>. Acesso em 03/2015.

<http://educacao.uol.com.br/biografias/anita-garibaldi.jhtm>. Acesso em 03/2015.

<http://www.carmenmiranda.com.br/>. Acesso em 03/2015.

<http://almanaque.folha.uol.com.br/chiquinha.htm>. Acesso em 03/2015.

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/html>. Acesso em 03/2015.

<http://www.pastoraldacrianca.org.br/pt/biografia-dra-zilda>, Acesso em 03/2015.

Roteiro para entrevista com professoras do Infantil III

Perfil do entrevistado

- Idade
- Família
- Estado civil
- Religião
- Formação

1. Sua experiência profissional sempre foi em escola?
2. O que a motivou a ser professora?
3. Há quanto tempo atua como professora?
4. Em que níveis de ensino já atuou?
5. Qual a sua concepção de criança?
6. Como se deu o seu ingresso na Educação Infantil?
7. Com quais faixas etárias você já trabalhou na Educação Infantil?
8. Quais diferenças você percebe de uma faixa etária para outra? (pergunta feita somente se a professora tiver lidado com diferentes faixas).
9. Como você percebe a criança de três anos de idade?
10. Como e por que você se tornou professora do infantil III?
11. Como você se sente sendo professora dessa faixa etária?
12. Como é para você mediar o processo de aprendizagem das crianças do Infantil III?
13. Como você geralmente trabalha com o Infantil III?
14. Na sua opinião, que saberes são necessários para a mediação do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças do Infantil III?
15. Por que os considera necessários?
16. De que forma tem construído esses saberes, ou seja, como tem aprendido a lidar com as crianças dessa idade?
17. Se você tivesse que falar para alguém, como explicaria o que uma professora precisa saber para atuar no Infantil III? Por quê?